

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ODONTOLOGIA

ALEXANDRE BAUMGARTEN

**EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre

2013

ALEXANDRE BAUMGARTEN

**EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Odontologia da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Cirurgião-Dentista.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Porto Alegre
2013

CIP- Catalogação na Publicação

Baumgarten, Alexandre

Experiências de discriminação em estudantes de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Alexandre Baumgarten. – 2013.

57 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Odontologia, Curso de Graduação em Odontologia, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

Orientadora: Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

1. Discriminação. 2. Preconceito. 3. Relações raciais. 4. Grupos étnicos. 5. Entrevista. I. Toassi, Ramona Fernanda Ceriotti. II. Título.

RESUMO

BAUMGARTEN, Alexandre. **Experiências de discriminação em estudantes de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2013. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Odontologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

As experiências de discriminação e as desigualdades sociais a elas associadas, bem como o impacto dessas experiências sobre o bem estar físico e psicológico de grupos populacionais específicos tem sido foco de atenção pela comunidade científica. Características como a raça/etnia, sexo, idade, aparência física, classe social e outras características socialmente atribuídas ou adquiridas podem estar associadas e experimentadas, simultaneamente, pelas vítimas, podendo variar dependendo do contexto social e histórico em questão. No Brasil, ainda há poucos estudos avaliando a representação das experiências discriminatórias por diferentes estratos populacionais e sujeitos, sob uma perspectiva abrangente e não restrita a algum tipo particular de discriminação. Diante desse contexto, o objetivo da presente pesquisa foi compreender as experiências de discriminação em estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisando as reações frente a tais experiências. O estudo teve abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevistas com um roteiro pré-estabelecido, gravadas e transcritas. Os sujeitos da pesquisa foram estudantes dos cursos de graduação da UFRGS, selecionados intencionalmente, e o método de amostragem foi por saturação (n=8). As falas dos estudantes foram analisadas seguindo o método da análise de conteúdo de Bardin, por meio do software ATLAS.ti. Os estudantes entenderam o preconceito como um conceito pessoal, antecipado, um pré-julgamento estabelecido em relação a outros, sem a presença de ação ou atitude. O preconceito seria o pensamento, a ideia, enquanto a discriminação foi compreendida como sendo o ato, a atitude, a manifestação concreta de um preconceito. Apesar dos estudantes reconhecerem a importância social de ‘não discriminar’ ou ‘não ter preconceito’, eles também manifestaram a presença do preconceito e de atitudes discriminatórias em sua trajetória de vida (experiência passadas ou presentes). As experiências discriminatórias foram relatadas em diferentes espaços e mais de um motivo foi percebido para a existência da discriminação. Todos os estudantes conseguiram identificar o motivo pelo qual a discriminação aconteceu nas diversas situações da vida cotidiana. As reações dos estudantes, a partir das experiências de discriminação (vivenciadas ou presenciadas), foram marcadas por sentimentos negativos, além de manifestações na condição de saúde, especialmente na condição de saúde mental dos indivíduos. A interpretação de um evento como discriminatório é complexo e os resultados dessa pesquisa reforçam a importância de se compreender como acontecem as experiências de discriminação, analisando as reações frente a tais situações. Estudos com esta proposta podem informar sobre as formas de discriminação predominantes no país, bem como fornecer subsídios aos trabalhos do campo da saúde, que procuram vincular a discriminação com processos ligados à saúde-doença.

Palavras-chave: Discriminação. Preconceito. Relações Raciais. Grupos Étnicos. Entrevista.

ABSTRACT

BAUMGARTEN, Alexandre. **Experiences of discrimination in undergraduate students at Federal University of Rio Grande do Sul**. 2013. 59 f. Final Paper (Graduation in Dentistry) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

The experiences of discrimination and the social inequalities associated with them, as well the impact of these experiences on the physical and psychological well-being of specific population groups has been the focus of attention by the scientific community. Characteristics such as race/ethnicity, sex, age, physical appearance, social class and other characteristics socially ascribed or acquired can be associated and experienced simultaneously by victims, and can vary depending of social and historical context in question. In Brazil, still there are few studies evaluating the representation of discriminatory experiences by different strata of the population and subject, under a broad perspective and not restricted to any particular type of discrimination. In this context, the aim of this study was to understand the experiences of discrimination in undergraduate students at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), analyzing the reactions in front of such experiences. The study had a qualitative approach, performed through interviews with a guide predetermined, recorded and transcribed. The research subjects were undergraduate students of UFRGS, intentionally selected, and the sampling method was by saturation (n=8).The speeches of the students were analyzed following the method of content analysis of Bardin, through the ATLAS.ti software. Students understand the prejudice as a personal concept, anticipated, a pre-judgment established in relation to others, without the presence of action or attitude. The prejudice is the thinking, the idea, while discrimination was understood as the act, the attitude, the concrete manifestation of prejudice. Despite the students recognizing the social importance of 'does not discriminate' or 'does not have prejudice', students also demonstrated the presence of prejudice and discriminatory attitudes in their life trajectory (past or present experience).The experiences of discrimination were reported in different spaces and more than one reason was perceived for the existence of discrimination. All the students were able to identify the reason why the discrimination happened in different situations of everyday life. The reactions of students, from the experiences of discrimination (experienced or witnessed), were marked by negative feelings, well as manifestations on health status, especially in the mental health condition of the individuals. The interpretation of an event as discriminatory is complex and the results of this research reinforce the importance of understanding how the experiences of discrimination happen, analyzing the reactions front of such situations. Studies with this proposal can report forms of discrimination prevalent in the country, well as to provide subsidies to the works in the health field, which seek to link the discrimination with processes linked to health and disease.

Keywords: Discrimination. Prejudice. Race Relations. Ethnic Groups. Interview.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1	ASPECTOS CONCEITUAIS: DISCRIMINAÇÃO, ESTIGMA, ESTEREÓTIPO E PRECONCEITO	7
2.2	DISCRIMINAÇÃO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE O TEMA?.....	11
2.2.1	Objeto do estudo: tipo e população alvo da discriminação	12
2.2.2	Estratégias metodológicas empregadas nos estudos sobre discriminação	15
3	METODOLOGIA	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4.1	PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: DO QUE ESTAMOS FALANDO?.....	19
4.2	SITUAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO: DIVERSIDADE DE ESPAÇOS E DE MOTIVOS	22
4.3	REAÇÕES ÀS SITUAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DISCRIMINATÓRIAS: SENTIMENTOS E MANIFESTAÇÕES NA SAÚDE	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICE A – QUADRO SÍNTESE DA REVISÃO DE LITERATURA	41
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA ENTREVISTAS	54
	APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS	56
	ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFRGS	57

1 INTRODUÇÃO

A comunidade científica tem manifestado uma atenção crescente às experiências de discriminação e às desigualdades sociais a elas associadas, bem como ao impacto dessas experiências sobre o bem estar físico e psicológico de grupos populacionais específicos. O volume de trabalhos abordando esta temática é expressivo, de modo que a mesma já se configura como uma tendência importante de estudo no campo da saúde coletiva (CRONIN, 2012; PARKER, 2012; BASTOS et al., 2011).

Estudos têm apontado a existência de desigualdades nos níveis de morbidade e mortalidade entre grupos com diferentes condições socioeconômicas, de gênero, idade e localização geográfica (LYNCH; HARPER, 2006; KAWACHI, 2000). Quando estas diferenças são consideradas injustas, evitáveis e desnecessárias no contexto em que ocorrem, adquirem a denominação de iniquidades em saúde (KAWACHI; SUBRAMANIAN; ALMEIDA-FILHO, 2002; WHITEHEAD, 1992). O fenômeno da discriminação, deste modo, passa a ser entendido como fator importante na produção de doenças e no acirramento das iniquidades em saúde (AGUDELO-SUÁREZ et al., 2011; PARADIES; WILLIAMS, 2008).

Diferente do preconceito, que corresponde a um fenômeno restrito ao campo das ideias e dos processos cognitivos humanos (GORODZEISKY, 2011), a discriminação corresponde a um conjunto de comportamentos que são observáveis e que se manifestam pelo tratamento diferencial, desigual de pessoas ou de grupos em razão das suas origens, das suas pertencas, das suas aparências ou das suas opiniões, reais ou supostas (TAGUIEFF, 1997). A discriminação refere-se, assim, ao processo pelo qual um membro de um grupo socialmente definido é tratado de forma diferente/injusta por pertencer àquele grupo (KRIEGER, 2001).

O foco dos estudos sobre os tipos de discriminação tem se ampliado ao longo do tempo, não mais se restringindo aos comportamentos exclusivamente racistas, mas também, avaliando outras formas de tratamento injusto, incluindo a ideia de que as múltiplas formas podem se combinar e serem experienciadas de uma só vez (BASTOS; FAERSTEIN, 2012a; KRIEGER, 2000).

A literatura em saúde tem demonstrado uma associação direta e consistente entre experiências discriminatórias e condições adversas de saúde, incluindo desfechos de saúde mental como depressão e ansiedade (SHAVERS et al., 2012; PASCOE; RICHMAN, 2009; WILLIAMS; MOHAMMED, 2009), aspectos ligados à saúde física como hipertensão (PASCOE; RICHMAN, 2009; WILLIAMS; MOHAMMED, 2009), doenças cardíacas, obesidade (WILLIAMS; MOHAMMED, 2009), diabetes (SHAVERS et al., 2012; PASCOE;

RICHMAN, 2009), além de comportamentos deletérios à saúde como o uso de álcool e o tabagismo (WILLIAMS; MOHAMMED, 2009).

Johnston e Lordan (2012), estudando a discriminação com mulçumanos na Inglaterra, observaram relação entre a discriminação e o aumento da pressão arterial, aumento dos níveis de colesterol sérico, aumento do IMC (Índice de Massa Corpórea) e a piora da saúde geral autoavaliada.

Estudo realizado no Brasil, com jovens universitários na cidade do Rio de Janeiro (RJ), apontou que as experiências discriminatórias são fenômenos complexos e difíceis de serem avaliados, mas que estão muito presentes no cotidiano dos indivíduos, ocorrendo na interação com colegas, no ambiente familiar – especialmente no convívio com os pais, na relação com professores, em ocasiões festivas e, também, no contato com a polícia ou com profissionais de segurança. Práticas discriminatórias podem estar baseadas em características como a raça/etnia, mas também o sexo, a idade, aparência física, a classe social e outras características socialmente atribuídas ou adquiridas. Estes múltiplos tipos de discriminação podem, também, estarem associados e experimentados simultaneamente por suas vítimas. Além disso, as práticas discriminatórias e suas respostas comportamentais e cognitivas podem variar, dependendo do contexto social e histórico em questão (BASTOS et al., 2010).

No Brasil, ainda há poucos estudos avaliando a representação das experiências discriminatórias por diferentes estratos populacionais e sujeitos, sob uma perspectiva abrangente e não restrita a algum tipo particular de discriminação. Diante desse contexto, o objetivo da presente pesquisa foi compreender as experiências de discriminação em estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisando as reações frente a tais experiências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A presente Revisão de Literatura está apresentada em dois momentos. O primeiro momento trata dos aspectos conceituais dos termos discriminação, preconceito, estigma e estereótipo e, o segundo momento, analisa as pesquisas sobre discriminação, por meio de uma busca na base de dados PubMed, no período de 2009 a fevereiro de 2013.

2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS: DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO, ESTIGMA E ESTEREÓTIPO

Bastos e Faerstein (2012a) apresentam as perspectivas históricas sobre o que se entende por preconceito, estereótipo e discriminação e a transformação desses conceitos ao longo do tempo. Definem preconceito como uma atitude que dispõe de um componente cognitivo (crenças sobre uma determinada categoria social) e um afetivo, pois, frequentemente, envolve sentimentos e uma predisposição a se comportar positivamente ou negativamente em relação a algum grupo socialmente definido, podendo criar ou manter relações hierárquicas entre categorias sociais. Por sua vez, traduzem estereótipo por uma ideia fixa, associada a uma categoria social, que deforma, empobrece e simplifica de sobremaneira a realidade, são formas rígidas e esquemáticas de pensar que resultam de processos de simplificação e que se generalizam a todos os elementos do grupo a que se referem. Os autores definem discriminação como um comportamento enviesado, o qual inclui não somente ações que trazem prejuízo ou desvantagem para outro grupo, como também, àquelas que favorecem injustamente o grupo do próprio perpetrador (aquele que comete a discriminação). Diferente do preconceito e do estereótipo, a discriminação corresponde a um conjunto de comportamentos observáveis, que se identificam pelo tratamento diferente e desigual de pessoas ou de grupos em razão das suas origens, pertencimentos, aparências ou opiniões, reais ou supostas. Assim, enquanto os dois primeiros conceitos tendem a permanecer ao campo das ideias, dos processos mentais, a discriminação está necessariamente fundada no campo das ações, dos comportamentos.

Osch e Breugelmans (2012) discutem o preconceito com base em grupos majoritários e minoritários. Baseiam-se em três fontes principais para organizar as diferenças intergrupais e interculturais que levam ao preconceito. A primeira afirma que a similaridade é o fator fundamental na percepção interpessoal, pois as pessoas estão mais dispostas a terem contatos sociais com membros que são mais semelhantes entre si, em termos de atitudes,

comportamentos, traços de personalidade e características físicas, sendo que avaliações frente à aparência ou comportamento de certo grupo leva a comportamentos positivos ou negativos. A segunda mostra que as pessoas são capazes de estabelecer e conhecer as diferenças entre os vários grupos sociais ou culturais e, a partir disso, afetam suas atitudes para com estes grupos. Já a terceira fonte é um conjunto de estudos sobre o que tem sido chamado de percepção subjetiva ou distância cultural, na qual faz referência à percepção da distância sociocultural entre diferentes países, ou seja, o grau em que os valores culturais em um país são diferentes daqueles em outro. Os autores concluem que os grupos diferem na posição que ocupam em uma sociedade e que esta posição organiza as atitudes que as pessoas têm sobre seu próprio grupo, bem como as atitudes que os outros têm sobre o seu grupo.

Siqueira e Cardoso (2011) tratam do conceito de estigma por meio de uma revisão bibliográfica. Relatam que o processo de estigmatização ocorre quando uma pessoa possui, ou acredita-se possuir, algum atributo ou característica que transmite uma identidade social que é desvalorizada em um contexto social particular. Compartilham a suposição de que pessoas estigmatizadas têm, ou acredita-se ter, um atributo que os marcam como diferentes e os levam a ser desvalorizados aos olhos dos outros. O estigma pode ser visível ou invisível, controlável ou incontrolável, ligado à aparência, comportamento, ou a membros de algum grupo. Os autores concluem que o estigma não reside na pessoa, mas em um contexto social, a variação da percepção e prática de estigma é variante de acordo com o meio histórico, social e cultural que se desenvolve. Ainda, a estigmatização é sempre ruim para aqueles que são vítimas, uma vez que afeta processos essenciais do indivíduo, como o desenvolvimento do autoconceito, as relações e interações sociais, a autoestima, as formas de se comportar e viver diariamente.

Estudo de Bastos et al. (2010) propôs compreender experiências de discriminação vividas por jovens universitários na cidade do Rio de Janeiro. A análise aponta que o preconceito foi concebido como uma ideia geral ou pensamento superficial, previamente estabelecido em relação a algo ou alguém e passível de estar equivocado, podendo ser tanto positivo, quanto negativo. O preconceito, segundo os autores, está pautado por noções de normas, atuações e regras sociais que abarcaria avaliações e conclusões inevitáveis frente à aparência ou comportamento de alguém, num primeiro momento. Já, a discriminação indica uma relação de progressão e de causa e efeito do preconceito para a discriminação. É atribuída no plano das ações, compreendida como a manifestação concreta de um preconceito. Os resultados apontam que a discriminação é um fenômeno complexo e difícil de ser avaliado, mas que está muito presente no cotidiano dos indivíduos, ocorrendo na interação com colegas, no ambiente familiar, no convívio com os pais, na relação com professores, em

ocasiões festivas e também no contato com a polícia ou com profissionais de segurança. Estes múltiplos tipos de discriminação podem, também, estarem associados e experimentados, simultaneamente, por suas vítimas. Além disso, as práticas discriminatórias e suas respostas comportamentais e cognitivas podem variar dependendo do contexto social e histórico em questão. Por fim, os estudantes não se reconheceram apenas como vítimas de discriminação, mas também como eventuais perpetradores de tratamentos discriminatórios.

Dovidio et al. (2010) definem e distinguem os conceitos-chave de preconceito, estereótipos e discriminação analisando as diferentes perspectivas teóricas sobre esses fenômenos. Definem preconceito como uma atitude de nível individual, que subjetivamente pode ser positivo ou negativo, contra grupos e seus membros, que cria ou mantém um status hierárquico entre grupos. Tem um componente cognitivo (por exemplo, crenças sobre um grupo-alvo), um componente afetivo (por exemplo, não gosta) e um componente de empenho (por exemplo, uma predisposição comportamental para se comportar de forma negativa para a o grupo-alvo). Já o estereótipo representa um conjunto de qualidades percebidas que reflete a essência de um grupo. Estereótipos afetam sistematicamente como as pessoas percebem, processam informações e respondem a membros de determinados grupos. Eles são transmitidos através da socialização, dos meios de comunicação, da linguagem e do discurso. Os estereótipos são associações e crenças sobre as características e atributos de um determinado grupo e de seus membros, que moldam a forma como as pessoas pensam e respondem ao grupo. Os autores, ainda definem a discriminação como um comportamento que cria, mantém ou reforça vantagem para alguns grupos e seus membros em relação a outros grupos e seus membros. Podem envolver comportamentos negativos, ou respostas menos positivas, em direção a um membro de um grupo comparado a membros de outros grupos em circunstâncias semelhantes. É entendido como um comportamento preconceituoso, que inclui não apenas ações diretas que causem danos ou desvantagem, mas também, àqueles que injustamente favorecem outras pessoas ou membros de um grupo.

Phelan, Link e Dovidio (2008) mostram semelhanças e possíveis distinções entre os conceitos de estigma e preconceito, avaliando 18 modelos conceituais. Verificam, primeiramente, que os dois conjuntos de modelos têm muito em comum, a maioria das diferenças são questão de foco e ênfase. Em segundo lugar, uma distinção importante é quanto ao tipo de característica humana que é o foco principal dos estudos, sendo que o conceito de preconceito é mais utilizado em estudos raciais e estigma é usado para estudos em que o foco está voltado para comportamentos desviantes, identidade pessoal, doença e deficiência.

Major e O'Brien (2005) abordam, por meio de uma revisão teórica, o fenômeno do estigma. O estigma é entendido como um atributo que desqualifica um indivíduo. Quando ocorre a estigmatização, ela está associada a avaliações e estereótipos negativos. Esses estereótipos e avaliações geralmente são amplamente compartilhados e bem conhecidos entre os membros de uma cultura, e eles se tornam uma base para excluir ou evitar os membros de uma categoria. O estigma existe quando rotulam certo grupo, levando a estereótipos negativos, a exclusão, a discriminação, e a uma condição de poder que permite esses processos se desdobrar. Embora cada um desses termos sejam frequentemente utilizados alternadamente com o estigma, este é um conceito mais amplo e mais abrangente do que qualquer um desses processos. Os autores ainda organizam a teoria recente dentro de um modelo de ameaça à identidade pessoal. O modelo de ameaça à identidade leva a respostas de estresse involuntário, como a ansiedade, a vigilância e atenção constantes, a diminuição da capacidade de memória de trabalho. Estas respostas ao estresse têm implicações para resultados importantes, tais como autoestima, realização acadêmica e saúde.

Krieger (2001) conceitua a discriminação como um processo pelo qual um membro/membros de um grupo socialmente definido é, ou são tratados de forma diferente (especialmente de modo injusto). Tipos predominantes de discriminação negativa podem ser baseados em raça/etnia, gênero, sexualidade, deficiência, idade, nacionalidade e religião, embora nem sempre esse grupo seja reconhecido como classe social. A discriminação pode ser negativa ou positiva, por exemplo, as ações afirmativas, que procuram corrigir as desigualdades criadas pela discriminação negativa. O autor divide a forma de classificar a discriminação de acordo com determinados aspectos: tipo (definido em referência aos grupos dominantes e subordinados, justificando a ideologia); forma (estrutural, institucional, interpessoal, legal ou ilegal, direta ou indireta, ostensiva ou dissimulada); agência (perpetrado pelo estado ou por atores não estatais, institucional ou pessoa física); como se expressa (de forma verbal a violenta; mental, física ou sexual); domínio (em casa, na família, na escola, para conseguir um emprego, no trabalho, na obtenção de crédito ou empréstimos, recebendo cuidados médicos, aquisição de outros bens e serviços, pelos meios de comunicação, da polícia ou nos tribunais, por outros órgãos públicos ou serviços sociais, na rua ou em um ambiente público); nível (individuais, institucionais, na vizinhança, na comunidade, na jurisdição política, nacionalmente, regionalmente, globalmente); e, a exposição, que pode ser medida em: tempo (infância, adolescência, idade adulta); intensidade (grave para leve); frequência (crônica, aguda, esporádica) e duração (período de tempo em que a discriminação é experienciada).

2.2 DISCRIMINAÇÃO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE O TEMA?

Buscando-se conhecer o que está sendo estudado sobre discriminação na área da saúde, foi conduzida uma busca na base de dados PubMed, de 2009 a fevereiro de 2013, utilizando-se o vocabulário controlado ‘discrimination’ no MeSH (Medical Subject Headings). Nesta busca, dez termos controlados foram encontrados. Destes, quatro foram selecionados, levando-se em consideração o objeto do estudo:

- 1- Social discrimination (Discriminação social): Comportamento do grupo para com os outros, em virtude da sua participação em tal grupo.
- 2- Sexism (Discriminação por sexo): Preconceito/Discriminação baseado no gênero ou comportamento/atitudes que promovam papéis sociais estereotipados com base no sexo.
- 3- Ageism (Discriminação por idade): Comportamentos ou atitudes preconceituosas, tratamento diferencial, acesso desigual à participação social ou oportunidades com base na idade.
- 4- Racism (Racismo): Tratamento diferencial ou acesso desigual a oportunidades, com base em membro de grupo com tal origem ou etnia.

Os descritores selecionados para a busca foram acrescidos do operador booleano ‘or’. Para refinamento da pesquisa, com a finalidade de tornar a busca mais específica e voltada ao objetivo deste estudo, foi especificado o período dos últimos cinco anos, o resumo deveria estar disponível, o campo de pesquisa deveria constar no título ou resumo, além da pesquisa ter sido realizado com humanos. Os artigos deveriam estar em língua portuguesa, inglesa ou espanhola. Inicialmente, 104 artigos foram identificados. Após a leitura dos resumos desses artigos, excluíram-se 12 estudos por não se encontrarem nos critérios de inclusão. Sequencialmente, os 92 artigos foram obtidos na íntegra e, a partir da leitura destes, outros quatro foram excluídos por não se relacionarem com a temática pesquisada. Ao final, 88 artigos foram analisados (Tabela 1).

Tabela 1 – Busca na base de dados do PubMed com os termos ‘Social Discrimination’ / ‘Sexism’ / ‘Ageism’ / ‘Racism’, 2009 a fevereiro 2013.

Base de dados	Artigos encontrados de 2009 a 2013	Artigos excluídos após a leitura do título/resumo	Artigos excluídos após a leitura do artigo na íntegra	Seleção Final
PubMed	104	12	4	88

O Apêndice A apresenta os artigos selecionados e analisados de acordo com os autores, ano de publicação, objeto do estudo (tipo de discriminação e contra quem esta discriminação aconteceu), o objetivo do estudo, a população estudada (podendo ser tanto alvo da discriminação, quanto perpetradores) e a metodologia utilizada no estudo.

Os artigos encontrados possibilitaram a delimitação em diferentes contextos da temática ‘discriminação’ sendo analisados em relação ao tipo de discriminação, população alvo da discriminação e abordagens metodológicas empregadas.

2.2.1 Objeto do estudo: tipo e população alvo da discriminação

Dos 88 artigos selecionados e analisados, a discriminação em função da raça/etnia foi o tipo mais estudado (n=31)¹, seguida pela discriminação em relação ao gênero (n=17)², discriminação em função da orientação sexual (n=15;)³ e discriminação pela idade (n=9)⁴ (Tabela 2).

¹(BLAIR et al., 2013;LEIBA, 2012; HOYT, 2012; FUENTE; HERRERO, 2012; WILLIAMS; LEAVELL, 2012; ZUCKERMAN et al., 2012;CUFFEE; HARGRAVES; ALLISON, 2012; ERTEL et al., 2012; CURRIE et al., 2012; SOTO et al, 2012; GIAMO; SCHMITT; OUTTEN, 2012; JEFFE; YAN; ANDRIOLE, 2012; BROWN; CHU, 2012; SHULTZ; SKORCZ, 2012; MYTHEN, 2012; ORNELAS; HONG, 2012; GRANDNER et al., 2012; CALLANDER; HOLT; NEWMAN, 2012; WILLIAMS, 2012; ELLIS, 2012; OXMAN-MARTINEZ et al., 2012; HOGGARD; BYRD; SELLERS, 2012; BERMEJO et al., 2012; STEPANIKOVA, 2012; WEI et al., 2012;EACK et al., 2012 WANG; HUGULEY, 2012; DUREY; THOMPSON, 2012; GOODMAN et al., 2012; BHUI et al., 2012; NYARKO; WEHBY, 2012).

²(WESTRING et al., 2012; MOSS-RACUSIN et al., 2012; BLACKSTOCK et al., 2012; SIEVERDING; KENDEL, 2012; LOPEZ; CHESNEY-LIND; FOLEY, 2012; NOMURA; GOHCHI, 2012; ADELMAN; HALDANE; WIES, 2012; DWORZYNSKI et al., 2012; JOHANNESSEN; HAGEN, 2012; SHAW; STANTON, 2012; HOYT; RUBIN, 2012; CAMBRONERO; RUIZ; PAPI, 2012; JONG; VAN NES; LINDEBOOM, 2012; SCHRÖTER; RIHA; STEINBERG, 2012; KOO et al., 2012; POÍNHOS, 2011;ONIFADE et al., 2010).

³(THOMAS et al., 2012; BEAGAN; FREDERICKS; GOLDBERG, 2012; HERRICK et al., 2012; HORNER et al., 2012; GAMAREL et al., 2012; BERNSTEIN; SWARTWOUT, 2012; DICKTER, 2012; YEP; ELIA, 2012; ADELSON, 2012; POTTER; FOUNTAIN; STAPLETON, 2012; MATHARU et al., 2012; WOODFORD et al., 2012; GILLUM; DIFULVIO, 2012; LIN; ISRAEL, 2012; SMIT et al., 2012).

⁴(BRIGGS; ROBINSON; O’NEILL, 2012; CAMPOS; STRIPLING; HEESACKER, 2012; LAGACÉ; CHARMARKEH; GRANDENA, 2012; SPANGENBERG et al., 2012; LEE, 2012; BUSTILLOS; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS; HUICI, 2012; MAZEROLLE et al., 2012; NORTH; FISKE, 2012; STEVENS et al., 2012).

Tabela 2 – Distribuição dos artigos em relação ao tipo de discriminação.

TIPO DE DISCRIMINAÇÃO	n	%
Discriminação em relação à raça/etnia	31	35,2
Discriminação em relação ao gênero	17	19,3
Discriminação em relação à orientação sexual	15	17,0
Discriminação em relação à idade	9	10,2
Discriminação em relação a uma deficiência mental	4	4,5
Discriminação em relação à condição social	4	4,5
Discriminação em relação à aparência física	3	3,4
Discriminação em relação a uma necessidade especial	3	3,4
Discriminação em relação à raça e gênero	1	1,1
Discriminação em relação ao gênero, raça ou crença religiosa	1	1,1
TOTAL	88	100,0

Dos artigos que estudaram a discriminação em função da raça/etnia, o grupo com maior enfoque foi o dos afro-americanos (n=8)⁵, seguido pelo grupo dos latinos (n=4)⁶ e população em geral (n=4)⁷ (Tabela 3).

Tabela 3 – População alvo dos estudos sobre discriminação racial/étnica.

DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À RAÇA/ETNIA	n	%
Afro-americanos	8	25,8
Latinos	4	12,9
População em geral (qualquer grupo racial/étnico)	4	12,9
Negros e minorias étnicas	2	6,5
Grupos étnicos minoritários	2	6,5
Australianos	2	6,5
Ensaio teórico associado a afro-americanos	2	6,5
Latinos e Afro-americanos	1	3,2
Canadenses aborígenes	1	3,2
Paquistaneses	1	3,2
Afro-caribenhos	1	3,2
Chineses e Filipinos	1	3,2
Turcos, Hispânicos, Italianos e Alemães da União Soviética	1	3,2
Chineses	1	3,2
TOTAL	31	100,0

Dos artigos que estudaram a discriminação em relação ao gênero, o grupo com maior enfoque foi o das mulheres na carreira acadêmica (n=3)⁸, seguido por ensaios teóricos sobre o tema (n=3)⁹ e revisões de literatura (n=3)¹⁰ (Tabela 4).

⁵ (WILLIAMS; LEAVELL, 2012; CUFFEE; HARGRAVES; ALLISON, 2012; ERTEL et al., 2012; SHULTZ; SKORCZ, 2012; HOGGARD; BYRD; SELLERS, 2012; EACK et al., 2012; WANG; HUGULEY, 2012; NYARKO; WEHBY, 2012).

⁶ (FUENTE; HERRERO, 2012; SOTO et al., 2012; BROWN; CHU, 2012; ORNELAS; HONG, 2012).

⁷ (ZUCKERMAN et al., 2012; GRANDNER et al., 2012; CALLANDER; HOLT; NEWMAN, 2012; STEPANIKOVA, 2012).

⁸ (WESTRING et al., 2012; MOSS-RACUSIN et al., 2012; SHAW; STANTON, 2012).

Tabela 4 – População alvo dos estudados sobre discriminação em relação ao gênero.

DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO AO GÊNERO	n	%
Mulheres na carreira acadêmica	3	17,6
Ensaio teórico associado ao gênero feminino	3	17,6
Revisão de literatura associada ao gênero feminino	3	17,6
Mulheres na carreira médica	2	11,8
Mulheres portadoras de HIV	1	5,9
Mulheres latinas americanas	1	5,9
Crianças do sexo feminino com diagnóstico de autismo	1	5,9
Pacientes do sexo feminino para reabilitação médica	1	5,9
Doentes do sexo feminino com tuberculose no Peru	1	5,9
TOTAL	17	100,0

A discriminação relacionada com a orientação sexual teve três grupos de estudos com grande enfoque: dos homens homossexuais (n=4)¹¹, da população de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e homossexuais (n=4)¹², além do grupo de lésbicas e gays (n=3)¹³ (Tabela 5).

Tabela 5 – População alvo dos estudados sobre discriminação em função da orientação sexual.

DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À ORIENTAÇÃO SEXUAL	n	%
Homens homossexuais	4	26,7
Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e homossexuais	4	26,7
Lésbicas e gays	3	20,0
Homens homossexuais e bissexuais	2	13,2
Ensaio teórico associado a homens homossexuais	1	6,7
Homens bissexuais	1	6,7
TOTAL	15	100,0

Os demais tipos de discriminação e os grupos mais estudados estão representados na Tabela 6¹⁴. Ressalta-se que, os estudos de discriminação pela idade, referiram-se especificamente, aos idosos. Apenas dois artigos buscaram estudar a discriminação a partir de sua diversidade – enquanto o primeiro buscou associar a discriminação em função da raça e

⁹(SIEVERDING; KENDEL, 2012; ADELMAN; HALDANE; WIES, 2012; SCHRÖTER; RIHA; STEINBERG, 2012).

¹⁰(POÍNHOS, 2011; HOYT; RUBIN, 2012; CAMBRONERO; RUIZ; PAPÍ, 2012).

¹¹(HERRICK et al., 2013; THOMAS et al., 2012; MATHARU et al., 2012; SMIT et al., 2012).

¹²(BEAGAN; FREDERICKS; GOLDBERG, 2012; HORNER et al., 2012; POTTER; FOUNTAIN; STAPLETON, 2012; GILLUM; DIFULVIO, 2012).

¹³(BERNSTEIN; SWARTWOUT, 2012; DICKTER, 2012; WOODFORD et al., 2012).

¹⁴(BRIGGS; ROBINSON; O'NEILL, 2012; CAMPOS; STRIPLING; HEESACKER, 2012; SPANGENBERG et al., 2012; LEE, 2012; BUSTILLOS; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS; HUICI, 2012; MAZEROLLE et al., 2012; NORTH; FISKE, 2012; HARRIS; REGMI, 2012; STEVENS et al., 2012; BAMFORD; WALKER, 2012; PETERSON; PUHL; LUEDICKE, 2012; FERNÁNDEZ et al., 2012; SKEGGS; LOVEDAY, 2012; BROUSSARD et al., 2012; DWORZYNSKI et al., 2012; CLAESEN; PRYCE, 2012; DAUMERIE et al., 2012; FULLER-ROWELL; EVANS; ONG, 2012; LUGURI; NAPIER; DOVIDIO, 2012; MILKMAN; AKINOLA; CHUGH, 2012; OTLOWSKI; TAYLOR; BOMBARD, 2012; EVANS-LACKO et al., 2012; TORRES-HARDING; SIERS; OLSON, 2012; AKINSULORE; ADEWUYA, 2012; PADELA et al., 2010).

gênero, o segundo trabalhou com a associação do gênero, raça ou crença religiosa. A ideia de que múltiplas formas de discriminação podem se combinar e serem experienciadas simultaneamente, permanece sendo pouco investigada.

Tabela 6 – Diferentes tipos discriminação e seus grupos mais estudados.

TIPOS DE DISCRIMINAÇÃO/GRUPOS MAIS ESTUDADOS	n
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À IDADE	
Grupo de idosos	8
Ensaio teórico com idosos	1
TOTAL	9
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA MENTAL	
Esquizofrênicos	2
Diversos tipos de deficiência mental	2
TOTAL	4
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À CONDIÇÃO SOCIAL	
Ensaio teórico associado à discriminação social	2
Pessoas com diferenças socioeconômicas	2
TOTAL	4
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À APARÊNCIA FÍSICA	
Nanismo	1
Sobrepeso	1
Características Genéticas	1
TOTAL	3
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À NECESSIDADE ESPECIAL	
Portadores de HIV	1
Perda auditiva	1
Epiléticos	1
TOTAL	3
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À RAÇA E GÊNERO	
Branços, afro-americanos, hispânicos, indianos ou chineses	1
TOTAL	1
DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO AO GÊNERO, RAÇA OU CRENÇA RELIGIOSA	
Pacientes com características de sexo, raça ou crença religiosa em serviços de emergência médica.	1
TOTAL	1

2.2.2 Estratégias metodológicas empregadas nos estudos sobre discriminação

Em relação às estratégias metodológicas utilizadas nos artigos selecionados (Tabela 7), estudos transversais corresponderam ao delineamento mais empregado (n=34)¹⁵,

¹⁵(EARSHAW et al., 2012; FUENTE; HERRERO, 2012; BLAIR et al., 2012; ZUCKERMAN et al., 2012; BROUSSARD et al., 2012; CURRIE et al., 2012; GAMAREL et al., 2012; CAMPOS; STRIPLING; HEESACKER, 2012; MOSS-RACUSIN et al., 2012; BERNSTEIN; SWARTWOUT, 2012; MATHARU et al., 2012; NOMURA; GOHCHI, 2012; WOODFORD et al., 2012; SPANGENBERG et al., 2012; BERMEJO et al., 2012; BUSTILLOS; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS; HUICI, 2012; GOODMAN et al., 2012; MILKMAN; AKINOLA; CHUGH, 2012; MAZEROLLE et al., 2012; LIN; ISRAEL, 2012; BHUI et al., 2012; JONG; VAN NES; LINDEBOOM, 2012; NYARKO; WEHBY, 2012;; ERTEL et al., 2012; SOTO et al., 2012; GIAMO; SCHMITT; OUTTEN, 2012; BLACKSTOCK et al., 2012; BROWN; CHU, 2012; WEI et al., 2012; KOO et al.,

principalmente com o uso de questionários ou escalas, seguido por pesquisas de abordagem qualitativa (n=15)¹⁶. Cabe destaque, ainda, aos artigos do tipo ‘ensaio teórico’(n=12)¹⁷ e revisões de literatura (n=11)¹⁸.

Tabela 7 – Abordagens metodológicas empregadas nos estudos sobre discriminação.

METODOLOGIA	n	%
Estudo transversal (questionário/escalas)	34	38,7
Pesquisa qualitativa (grupos focais/entrevistas/análise documental)	15	17,1
Ensaio teórico	12	13,6
Revisão de literatura	11	12,5
Dados secundários de pesquisas	8	9,1
Estudo transversal e qualitativo	4	4,5
Longitudinal	4	4,5
TOTAL	88	100,0

2012; DICKTER, 2012; PETERSON; PUHL; LUEDICKE, 2012; PADELA et al., 2010; TORRES-HARDING; SIERS; OLSON, 2010).

¹⁶(MYTHEN, 2012; LAGACÉ; CHARMARKEH; GRANDENA, 2012; GILLUM; DIFULVIO, 2012; LEE, 2012; STEPANIKOVA, 2012; CLAESEN; PRYCE, 2012; DAUMERIE et al., 2012; DUREY; THOMPSON, 2012; BRIGGS; ROBINSON; O’NEILL, 2012; THOMAS et al., 2012; BEAGAN; FREDERICKS; GOLDBERG, 2012; CALLANDER; HOLT; NEWMAN, 2012; LOPEZ; CHESNEY-LIND; FOLEY, 2012; HOGGARD; BYRD; SELLERS, 2012; ONIFADE et al., 2010).

¹⁷(ARONSON et al., 2013; LEIBA, 2012; HOYT JUNÍOR, 2012; SKEGGS; LOVEDAY, 2012; WILLIAMS, 2012; SIEVERDING; KENDEL, 2012; YEP; ELIA, 2012; ADELMAN; HALDANE; WIES, 2012; SHAW; STANTON, 2012; OTLOWSKI; TAYLOR; BOMBARD, 2012; STEVENS et al., 2012; SCHRÖTER; RIHA; STEINBERG, 2012).

¹⁸(CUFFEE; HARGRAVES; ALLISON, 2012; ADELSON, 2012; ELLIS, 2012; POTTER; FOUNTAIN; STAPLETON, 2012; BAMFORD; WALKER, 2012; POÍNHOS, 2011; NORTH; FISKE, 2012; HOYT; RUBIN, 2012; CAMBRONERO; RUIZ; PAPÍ, 2012; SMIT et al., 2012; AKINSULORE; ADEWUYA, 2010).

3 METODOLOGIA

Pesquisa de abordagem qualitativa cujo campo de investigação foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas (FLICK, 2009; ROSA; ARNOLDI, 2008).

Foram convidados a participar das entrevistas estudantes de cursos de graduação da UFRGS com distintas relações candidato/vaga, os quais foram selecionados intencionalmente.

Sobre o tamanho da amostra, somente no final da coleta de dados, é que se estabeleceu, definitivamente, quantos estudantes acabaram por ser incluídos no estudo. O método de amostragem utilizado foi o da saturação, ou seja, quando se entendeu que novas falas passaram a ter acréscimos pouco significativos em vista dos objetivos propostos pela pesquisa, a coleta de dados foi encerrada (STRAUSS; CORBIN, 2008; TURATO, 2008).

Os parâmetros utilizados para interrupção da coleta de dados foram a avaliação de que as entrevistas realizadas davam conta de satisfazer a discussão para atingir os objetivos da pesquisa, além da apreciação do orientador.

Ao final, foram entrevistados, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), 8 estudantes de diferentes cursos/semestres de graduação, de ambos os sexos e de idades variadas (Tabela 8).

Tabela 8 – Distribuição dos estudantes entrevistados em relação ao curso de graduação, semestre do curso, sexo e idade (anos).

CURSO DE GRADUAÇÃO	SEMESTRE DO CURSO	SEXO	IDADE (ANOS)
Odontologia – Noturno	2º	Masculino	20
Odontologia	2º	Feminino	22
Psicologia	10º	Feminino	27
Arquitetura	6º	Masculino	23
Arquitetura	3º	Feminino	22
Medicina	1º	Feminino	20
Medicina	9º	Feminino	25
Estatística	10º	Feminino	23

As entrevistas foram realizadas por um único pesquisador, seguindo um roteiro pré-testado (Tópico 1: Situações e experiências de discriminação / Tópico 2: Reações à discriminação - APÊNDICE C), de forma individual, gravadas por equipamento de áudio e transcritas na íntegra. Todas as transcrições foram devolvidas aos entrevistados para que pudessem lê-las, verificando se estavam de acordo com as ideias apresentadas e, se julgassem necessário, complementassem seus depoimentos.

O local das entrevistas foi definido a partir da disponibilidade dos estudantes, acontecendo em espaços abertos no campus universitário ou em sala disponível na Faculdade de Odontologia. A duração das entrevistas variou de 30 a 45 minutos.

As falas dos estudantes foram analisadas seguindo o método da análise de conteúdo de Bardin (2011), por meio do software ATLAS.ti.

O estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisada UFRGS (Parecer 303.041 - ANEXO A).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados está apresentada em três categorias que emergiram das falas dos estudantes: ‘preconceito e discriminação: do que estamos falando?’, ‘situações e experiências de discriminação: diversidade de espaços e de motivos’ e ‘reações à discriminação’.

4.1 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

O preconceito foi entendido pelos estudantes como um conceito pessoal, antecipado, pré-julgamento estabelecido em relação a outros, sem a presença de ação ou atitude contra uma determinada pessoa ou grupo.

[...] preconceito eu acho que é uma coisa mais pessoal, assim é mais na tua cabeça, é uma coisa que, talvez geralmente a pessoa pode ter o preconceito mas ela não precisa evidenciar, não precisa demonstrar, eu entendo por isso.(Estudante 1)

Preconceito eu acho que é quando tu estabelece um pré-julgamento assim, quando tu cria aquele conceito antes de ter uma vivência a respeito daquilo, antes de ter um conhecimento, entende? Tu cria o teu julgamento antecipadamente [...]. (Estudante 5)

Preconceito é quando tu tem um conceito antecipado de algo ou de alguma pessoa, sem tu ter um conhecimento mais aprofundado daquilo, é um conceito a partir do que tu vê assim, sem aprofundar muito.(Estudante 7)

A literatura, da mesma forma, tem associado o preconceito a uma atitude individual (DOVIDIO et al., 2010; OLIVEIRA; BARRETO, 2003), a um julgamento prematuro e inadequado sobre alguma coisa ou alguém (BANDEIRA; BATISTA, 2002) e, ainda, como uma ideia geral ou pensamento superficial, previamente estabelecido em relação a algo ou alguém (BASTOS et al., 2010).

Um aspecto importante para o entendimento do preconceito é considerar a similaridade como fator fundamental na percepção interpessoal, pois as pessoas gostam mais de outras quando elas são mais semelhantes em termos de atitudes, comportamentos, traços de personalidade e características físicas (OSCH; BREUGELMANS, 2012; AMODIO; SHOWERS, 2005).

A discriminação, por sua vez, foi associada a algo negativo, que trás prejuízo, dano ao outro e que estaria no plano das ações, dos comportamentos e ligada ao preconceito. Os estudantes compreenderam a discriminação como sendo o resultado, a manifestação concreta

de um preconceito – a discriminação seria o ato, a atitude, enquanto o preconceito seria o pensamento, a ideia. As diferentes formas de discriminação, mencionadas pelos estudantes, foram associadas a ideias de exclusão/ofensa devido a algum aspecto físico, psicológico ou socialmente atribuído.

Discriminação é, quando em função desse preconceito, tu passa a causar algum dano a alguma pessoa por exemplo.(Estudante 7)

Eu acho que discriminação é o ato, tá discriminando, sei lá, tá falando da pessoa, tá tomando alguma atitude [...]. Discriminar é negativo, é porque tu tá ofendendo alguém. (Estudante 1)

[...] Na discriminação tu tá agindo prejudicialmente á alguém e no preconceito tu não tá mostrando isso, mas tu de certa forma assim, pra ti tá claro que tu tá evitando alguma coisa da outra pessoa, tentando evitar, tipo ignorar assim as ideias, ficar perto, coisas assim... (Estudante 8)

Pra mim discriminação é quando tu faz em ato o teu preconceito. (Estudante 3)

[...] acho que discriminar uma pessoa, discriminar alguém seria tu por em prática isso, tu executar o teu preconceito, eu acho que é isso pelo menos. (Estudante 5)

Eu acho que discriminação é... quando tu... tu pega uma parcela da sociedade, tu... excluí ela de alguma forma por um aspecto físico, um aspecto psicológico dela, social. (Estudante 6)

[...] eu entendo quando é discriminação, tu tá no caso aplicando uma ofensa a alguém, e quando tu está sendo preconceituoso tu tá na real evitando a presença ou alguma coisa assim de outra pessoa [...]. Na discriminação tu tá agindo prejudicialmente a alguém e no preconceito tu não tá mostrando isso [...] Colegas que eram mais inteligentes, que gostavam de estudar, o contrário daqueles lá, e que também não tinham nada de marca como eu, só que eu talvez como jogava bola e me enturmava um pouco mais não sofria até tanta discriminação quanto esses ali, só que também sofria, só to dizendo que não é tanto, não tão pesado, não toda turma em cima de ti. (Estudante 8)

A discriminação é uma manifestação do preconceito (OLIVEIRA; BARRETO, 2003), é um tratamento desfavorável, negativo (DOVIDIO et al., 2010), ligado ao plano das ações, indicando uma relação de progressão e de causa-efeito do preconceito para a discriminação (BASTOS et al., 2010; CECCHETTO; MONTEIRO, 2006). Corresponde a um conjunto de comportamentos observáveis, que se identificam pelo tratamento diferente e desigual de pessoas ou grupos (BASTOS; FAERSTEIN, 2012; KRIEGER, 2001).

Ainda que os estudantes tenham apontado diferenças conceituais importantes entre preconceito e discriminação, em muitas falas os dois termos foram utilizados indistintamente ou de forma associada.

Eu entendo por discriminação e preconceito as pessoas esperarem que as outras pessoas sejam iguais a elas, não compreender a diferença. Pra mim discriminação é um isolamento, você evitar contato com pessoas que são diferentes de ti, tu separar elas do convívio por elas serem diferentes e preconceito também [...]. (Estudante 4)

[...] eu mesmo sou negra e já enfrentei, eu acho que pessoas de cor em geral, muitas que eu conheço, família, amigos também enfrentaram situações semelhantes, enfim, de discriminação, de preconceito. (Estudante 7)

Apesar de reconhecerem a importância social de ‘não discriminar’ ou ‘não ter preconceito’ contra determinado grupo e, de referirem-se à discriminação como uma atitude negativa, os estudantes também manifestaram a presença do preconceito e de atitudes discriminatórias em sua trajetória de vida (experiências passadas ou presentes).

[...] eu tinha preconceito com gays antes e porque sei lá, era uma coisa estranha, não entendia, não conhecia. (Estudante 2)

Eu tinha um amigo na minha infância que ele era negro, ele era filho de uma empregada doméstica que tinha no prédio do lado, e a gente vivia brincando junto, mas quando a gente se desentendia assim eu acabava excluindo ele do grupo, chamando ele de negro; ‘saí daqui, porque tu é preto, porque tu é burro’, essas coisas assim [...]. (Estudante 3)

[...] querendo ou não agente brinca assim: ‘ah, ele é gay, ele é boiolão’ sabe... não sei se é por mal, [...]. (Estudante 6)

[...] na nossa cabeça, querendo ou não, quando tem, por exemplo, um assaltante, tu tem aquele estereótipo, assim, não vou dizer generalizado, mas a maioria é negro, tem aquele estereótipo, daí acaba aquelas outras que tem aquela mesmo característica sofrendo preconceito, sem ser. (Estudante 6)

Nesse contexto, Smith et al.(2002) argumentam que nas experiências de discriminação, os sujeitos podem ser identificados não somente como vítimas, mas também, como potenciais perpetradores.

Para Bandeira e Batista (2002), pelo fato do preconceito ser moralmente condenado e a discriminação ser juridicamente sujeita à punição, suas manifestações explícitas tornaram-se cada vez mais sutis e disfarçadas.

No Brasil, estudo sobre discriminação racial mostrou que, apesar dos brasileiros se considerarem isentos de preconceito racial, percebem a existência de racismo na sociedade, entendido como preconceito e discriminação racial (OLIVEIRA; BARRETO, 2003). De forma semelhante, Cecchetto e Monteiro (2006) reconheceram, no Brasil, a existência do racismo, mas com as pessoas afirmando não terem atitudes racistas.

4.2 SITUAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO: DIVERSIDADE DE ESPAÇOS E DE MOTIVOS

Segundo os estudantes, situações e experiências de discriminação podem acontecer em distintos espaços, como na escola/universidade, na rua, em uma entrevista de trabalho/local de trabalho, loja, saindo de uma festa, no trânsito, em um bar, em uma atividade esportiva ou em qualquer espaço desde que haja a presença do ‘discriminador’ (Tabela 9).

Tabela 9 – Relatos dos estudantes segundo os espaços de situações e experiências discriminatórias.

ESPAÇOS DE DISCRIMINAÇÃO	RELATOS DOS ESTUDANTES QUE CARACTERIZAM OS ESPAÇOS DE DISCRIMINAÇÃO
<p>Escola/ Universidade</p>	<p><i>Pra mim foi uma coisa assim marcante, porque eu lembro da transição que eu tive de escola, eu saí de uma escola pública onde todo mundo era uma mistura, tu tem de todas as cores na verdade, eu entro numa escola particular, onde são a maioria pessoas brancas, né, negros são poucos e eu me senti particularmente bastante excluída assim [...] (Estudante 5)</i></p> <p><i>[...] principalmente nas escolas, crianças não tem muita noção do que elas fazem, então, o outro é diferente: vamos ‘cagar ele a pau’. (Estudante 3)</i></p> <p><i>A gente tem um colega gay, né, na nossa turma, e ele sofre discriminação, pra mim é nítida assim, porque os guris da turma não andam muito com ele, acham que tem medo de serem tachados, só porque tão andando com ele, né, então ele acaba se enturmando mais com as gurias e ele mesmo diz que não se sente à vontade com o restante da turma por causa disso, porque ele sente que tratam ele diferente. (Estudante 7)</i></p> <p><i>Na faculdade o pessoal comenta assim que as mulheres são mais discriminadas [...]. (Estudante 7)</i></p> <p><i>[...] quando eu era pequeno eu não gostava...na minha sala, na minha turma no ensino fundamental eu era o único assim que tinha o cabelo mais claro e olhos azuis, então o pessoal ficava pegando no meu pé me chamando de alemão. [...] eu era o único tão loiro assim na turma sabe e daí eles ficavam pegando principalmente no meu pé por causa disso...Olha, eu vejo alguns preconceitos assim às vezes até na universidade,[...]. (Estudante 8)</i></p>
<p>Rua</p>	<p><i>[...] ela é negra [...] o único momento que ela sente muito mal por ser negra é porque quando ela ta andando na rua, ela usa capuz e as pessoas já ficam, as mulheres já ficam assim com aquele olhar meio com medo já, pensando que vai assaltar. (Estudante 6)</i></p> <p><i>Ele já foi discriminado na rua assim, até porque ele se veste um pouco diferente, é meio óbvio assim que ele é homossexual assim pra quem olha sabe, então... já... já ouviu muita besteira assim na rua quando estava passando, agressões gratuitas. (Estudantes 7)</i></p>
<p>Entrevista de trabalho/Local de trabalho</p>	<p><i>Tipo na hora de ser contratado pro trabalho tem muita discriminação ainda entre negro, mulher, muita gente esconde a opção sexual também pelo emprego. (Estudante 2)</i></p>

	<i>Acho que no trabalho, na situação profissional acontece bastante. (Estudante 4)</i>
Qualquer espaço	<i>Eu acho que a discriminação pode acontecer em todos os espaços, em qualquer espaço tu pode condenar alguém, tu pode se afastar por qualquer característica, eu acho que não existe exclusividade. (Estudante 1)</i> <i>Eu acho que são inúmeras situações, basta ter o discriminador, isso aí pode ter daí na escola, no trabalho. Eu acho que pode acontecer até dentro do ônibus, no supermercado, todos os lugares estão sujeitos a isso. (Estudante 3)</i>
Loja	<i>Tive amigos meus que foram confundidos tipo em loja como atendente. (Estudante 5)</i>
Saindo de uma festa	<i>[...] uma vez a gente estava junto, saindo de uma festa, de noite e passou um carro cheio de guri dentro e falaram um monte de besteira pra ele, né. (Estudante 7)</i>
Trânsito	<i>[...] meu pai já foi xingado diversas vezes no trânsito, se ele faz alguma besteira não é como uma pessoa que é chamado atenção, uma buzina, tipo chamaram de negão mesmo, sabe, avacalharam, eu ri agora, mas tipo, bah é um preconceito sabe, é uma coisa que incomoda. (Estudante 5)</i>
Bar	<i>[...] ele é discriminado várias vezes, ele vai num barzinho, muitas vezes o garçom olha torto, dá uma risadinha sabe [...] (Estudante 7)</i>
Atividade esportiva	<i>[...] que nem ele não jogava bola com a gente, mas ele jogava vôlei, talvez era um esporte que ele não gostava muito jogar futebol, e como a turma inteira jogava bola, talvez... eles chamavam ele de bichinha, quem jogava mal era bichinha, sabe, essas coisas assim, e daí acho que é por causa disso. (Estudante 8)</i>

Bastos et al. (2010), estudando universitários do Rio de Janeiro, também observaram diversos cenários onde a discriminação aconteceu, desde escolas, universidades, lojas comerciais, bairros e subúrbio da cidade, até quartéis e instituições públicas. Em outro estudo no Rio de Janeiro, Cecchetto e Monteiro (2006), ao estudarem jovens, de 18 a 24 anos, do sexo masculino, encontraram a presença da discriminação no ambiente de trabalho e em espaços públicos como ruas, shoppings centers, restaurantes e agências bancárias.

Estudo de Silva e Reis (2011) sobre a discriminação racial, em trabalhadores negros no Rio de Janeiro, encontraram diferentes contextos onde a discriminação foi relatada, sendo mais frequente em instituições de ensino, na procura de emprego, no local de trabalho, em espaços públicos (ruas, restaurantes, shoppings), além de bancos, serviços públicos e no contato com a polícia. Essa diversidade, também foi reconhecida no estudo de Currie et al. (2012) com universitários aborígenes do Canadá, apontando a discriminação especialmente no espaço escolar (antes de ingressarem na Universidade), seguido de lugares públicos (restaurantes, lojas, assistência médica, parada de ônibus e na busca por habitação).

Em relação aos motivos pelos quais aconteceu a discriminação (vivenciada ou presenciada), todos os estudantes entrevistados conseguiram identificá-los nas diversas situações, como ‘por ser negro’, ‘por ser negro associado ao uso de capuz ou ao nível

educacional’, ‘por usar óculos’, ‘por ser homossexual’, ‘por ser estudante de curso noturno’, ‘por ser mais quieto’, ‘pelo estilo de roupa que usa’, ‘pelo porte físico associado à idade’, ‘por ser mulher’, ‘pela condição financeira’, ‘pelo curso de graduação que frequenta’, ‘por estudar muito’ e ‘por não praticar futebol’ (Tabela10).

Tabela 10– Relatos dos estudantes segundo os motivos para as situações e experiências discriminatórias.

MOTIVOS PARA A DISCRIMINAÇÃO	RELATOS DOS ESTUDANTES QUE CARACTERIZAM OS MOTIVOS PARA A DISCRIMINAÇÃO
Discriminação por ser negro	<p>[...] eu saí de uma escola pública onde todo mundo era uma mistura, tu tem de todas as cores na verdade, eu entro numa escola particular, onde são a maioria pessoas brancas, né, negros são poucos e eu me senti particularmente bastante excluída assim, logo no primeiro ano, é uma fase nova e eu fui sim excluída em parte e eu atribuo isso a minha cor. [...] eu ouvi 'neguinha', ouvi comentários, ouvi coisas que me fizeram acreditar que era isso a causa. (Estudante 5)</p>
Ser negro associado ao uso de capuz	<p>[...] ele tinha saído aqui pelas ruas e estava meio frio, ele estava usando um capuz e ele teve que atravessar a rua porque ele tinha que chegar num lugar que era do outro lado da rua, então ele botou o capuz naquele momento porque ele estava sentindo frio e atravessou a rua, e aí nisso estava vindo uma moça do outro lado e daí a moça imediatamente atravessou a rua também porque ela sentiu medo. [...] Se a pessoa fosse branca, eu acho que dependendo da pessoa teria ignorado o fato da possibilidade de ser assaltado sabe e teria continuado na mesma calçada, mas pelo fato de ter colocado o capuz, ter atravessado a rua na sua direção, ser negro, essas coisas assim, então a mentalidade da pessoa, tipo pelo que a gente vê, tem muita gente que se sente amedrontada e acaba aplicando o preconceito defensivo, como se fosse defesa pessoal. (Estudante 8)</p>
Ser negro associado ao nível educacional (desvalorização profissional)	<p>Teve uma situação em que nós tínhamos uma apresentação pra fazer pro presidente da empresa e na empresa onde eu trabalho tem uma pessoa que trabalha lá há muito tempo, ele não tem escolaridade, mas ele tem bastante conhecimento e ele teria condições de apresentar, o que a gente precisava apresentar pro presidente, muito melhor do que eu. Mas eu estava recém começando a trabalhar lá, estava trabalhando lá há duas, três semanas e a responsável pelo setor pediu que eu apresentasse pro presidente. Eu sendo uma pessoa já formada, com outra escolaridade, ainda que não tivesse por dentro daquele assunto especificamente e esse outro colega tinha muito mais condição de apresentar do que eu. Eu acho que foi uma combinação de escolaridade e racial, porque ele é negro. (Estudante 4)</p>
Discriminação pelo uso de óculos	<p>Eu usava óculos no colégio e por eu usar óculos e ser mais quietinha, na minha, muitas pessoas me chamavam de retardada, mongolona [...]. Os demais colegas, muito poucos usavam óculos, né? A maioria era sem, logo eu era a diferente, eu era a anormal, então muitas vezes eles me excluíam assim, por causa disso. (Estudante 3)</p> <p>[...] pelo óculos bastante, assim, mas mais quando eu era criança mesmo. Eu não sei, eu acho que foi quando eu comecei a usar óculos, eu tava sei</p>

	<i>lá, acho que na quarta série por aí, os meninos, aquela coisa de: 'ah, quatro olhos, quatro olhos', aquela coisa, normal... tanto é que por isso que eu odeio, tipo sempre odiava usar óculos. (Estudante 6)</i>
Discriminado por ser homossexual	<i>[...] eu tenho um amigo que é homossexual, e eu acho que influenciou muito quando ele foi procurar estágio por exemplo, eu acho que isso influenciou muito pra ele conseguir, tanto que ele era um guri super inteligente, super esforçado, tudo, simpático e... tipo eu vi que ele não conseguia estágio eu acho que pelo comportamento dele de ser homossexual. [...] Eu lembro que, tipo se ele passava, tinha um jeito mais afeminado, eles ficavam: 'ah, boiolão, o veado', não sei o que... (Estudante 6)</i>
	<i>A gente tem um colega gay, né, na nossa turma, e ele sofre discriminação, pra mim é nítida assim, porque os guris da turma não andam muito com ele, acham que tem medo de serem tachados, só porque tão andando com ele, né, então ele acaba se enturmando mais com as gurias e ele mesmo diz que não se sente à vontade com o restante da turma por causa disso, porque ele sente que tratam ele diferente. (Estudante 7)</i>
Discriminação por ser estudante de um curso noturno	<i>Esse ano eu queria ser monitor de anatomia na faculdade, e daí, meio que eu senti por eu ser do noturno eu não sou tão qualificado quanto são os do diurno, enquanto os do diurno têm a opção de fazer o que eles quiserem, serem monitores do que eles quiserem, [...]. (Estudante 2)</i>
Ser considerada mais quieta	<i>[...] por eu ter um comportamento mais quieto, eu não interagia com toda turma, eu interagia com alguns poucos. (Estudante 3)</i>
Ser confundido com atendente em loja pela roupa que usava	<i>Tive amigos meus que foram confundidos, tipo em loja com atendente, eu não sei se pela cor, enfim, por um pré-julgamento até em função da roupa da pessoa, sabe, por não ter condição de, de repente se vestir tão bem, de estar todos arrumadinho foi confundido com uma posição hierárquica menor assim. (Estudante 5)</i>
Discriminação pelo porte físico e idade (ser pequena e nova)	<i>[...] eu tava fazendo o meu plantão no HPS e não foi a primeira vez, várias vezes já o paciente já olhou diferente, já comentou alguma coisa pelo fato de eu ser, ter cara de novinha, ser pequena, magrinha, sabe eles: 'ai, será que tu vai conseguir fazer'?, ou ficam meio assim ressabiados, sabe? E eu já senti isso várias vezes por parte de pacientes, às vezes até por parte de professores. (Estudante 7)</i>
Discriminação por ser mulher	<i>Na faculdade o pessoal comenta assim que as mulheres são mais discriminadas, principalmente na área da cirurgia, traumato. (Estudante 7)</i>
Discriminação pela roupa/tênis que usa	<i>eu não tinha muitas roupas de marca... não tinha praticamente nenhuma roupa de marca [...] eu estudava na escola particular porque minha mãe era professora lá, tinha bolsa praticamente integral, cerca de vinte por cento eu pagava só da mensalidade e naquele tempo ainda era mais barato que hoje no caso... e eu fui ter o meu primeiro tênis de marca, por exemplo na sexta série [...]. Essa coisa assim 'tu tá no meu grupo porque tu tem coisa da Nike' por exemplo, ou então assim, 'esse aí não tem nada, eu não vou andar com ele'. (Estudante 8)</i>
Discriminação pela condição financeira	<i>[...] Só que na minha turma praticamente tinha eu, tinha um outro colega loiro só que ele era bem riquinho sabe, e ele não era preconceituoso, ele era legal, só que o pessoal pegava no meu pé e no pé dele não pegava, e no caso ele era bem cheio da grana, que nem eu disse, talvez então tenha a ver mais por questões financeiras, dessa forma eu percebi que era desigual. (Estudante 8)</i>
Discriminação pelo curso de graduação	<i>[...] os alunos da arquitetura e das engenharias, eu não sei porque, não se gostam muito, eles tem até músicas um contra o outro, não sei porque tem isso aí, deve ser de um tempo atrás, alguma história aí. E aí eles ficam</i>

	<i>chamando os engenheiros que vão ser peão de trabalho, chão de fábrica, coisa assim, em retribuição, contrapartida, os engenheiros ficam chamando todos arquitetos de bichinha, sabe, então se tu ver alguém com mochila da arquitetura, um guri por exemplo andando com uma pasta, porque se tu vai pensar em fazer uma brincadeira, primeiro coisa que vai vir em mente vai ser chamar ele de bichinha. A pessoa tenta ferir pela característica, ela tenta fazer com que a pessoa se insira num grupo pré-determinado, por exemplo, pelo curso que ela tá e dizer então que todas as pessoas daquele grupo são iguais e passa a tratar igualmente assim. (Estudante 8)</i>
Discriminação por estudar muito	<i>[...] a medicina é muito concorrida e é um curso que tem bastante gente inteligente, [...] eu vejo que os meus colegas no passado, porque eles já me falaram e pelo que dá pra perceber, eles sofreram muito preconceito antes sabe, pelo fato deles serem estudiosos e também pelo fato também deles estudarem muito eles não se dedicaram muito a esportes e como o Brasil é um país que vive falando de futebol [...] (Estudante 8)</i>
Discriminação por não praticar futebol	<i>[...] que nem ele não jogava bola com a gente, mas ele jogava vôlei, talvez era um esporte que ele não gostava muito jogar futebol, e como a turma inteira jogava bola, talvez... eles chamavam ele de bichinha, quem jogava mal era bichinha, sabe, essas coisas assim, e daí acho que é por causa disso. (Estudante 8)</i>

O motivo mais frequente relatado pelos estudantes para a discriminação foi a questão da raça/etnia (‘por ser negro’), como verificado em estudos realizados no Brasil (SILVA, REIS, 2011; BASTOS et al., 2010; CECCHETTO, MONTEIRO, 2006).

Múltiplos tipos de discriminação também podem estar associados e experienciados, simultaneamente, por suas vítimas (BASTOS et al., 2010; CECCHETTO, MONTEIRO, 2006; BANDEIRA, BATISTA, 2002). Essa situação pode ser identificada na fala do estudante do curso de graduação em Estatística, o qual observou o tratamento desigual com seu colega de trabalho pela baixa escolaridade associada com a cor da pele (negra), e pela estudante de Medicina que percebeu a discriminação por suas características físicas (pequena, nova e mulher).

As situações experienciadas pelos estudantes da UFRGS, de acordo com a classificação de Plous (2003), podem ser percebidas, na maior parte dos relatos, como discriminações do tipo ‘pessoal’, referindo-se a atos de discriminação cometidos por um indivíduo diretamente a outro. Apenas um estudante relatou discriminação do tipo institucional, ou seja, realizada por meio de instituições ou organizações.

Pode-se acrescentar, ainda, que as formas de discriminação relatadas, na sua maioria, referiram-se a comportamentos discriminatórios da vida cotidiana das pessoas (LIMA; VALA, 2004).

4.3 REAÇÕES ÀS SITUAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DISCRIMINATÓRIAS: SENTIMENTOS E MANIFESTAÇÕES NA SAÚDE

A partir das situações e experiências discriminatórias (vivenciadas ou presenciadas), os estudantes manifestaram diversos sentimentos negativos. O sentimento mais relatado foi o de ‘tristeza’, sendo este associado a outros, tais como ‘tristeza associada à frustração, reclusão e impotência’, ‘tristeza associada à insegurança e vergonha’, ‘tristeza associada à humilhação’ e ‘tristeza associada à inibição’. Outros sentimentos mencionados foram ‘inibição associado à baixa autoestima’, ‘inibição associado a vergonha’, ‘vergonha’, ‘injustiça’, ‘solidariedade(pena)’, ‘desapontamento’, ‘sentir-se chateado associado a revolta’, ‘sentir-se reprimido’, ‘sentir-se ridicularizada’, ‘raiva’ e ‘ódio’(Tabela 11).

Tabela 11 – Relatos dos estudantes sobre o sentimento em relação às situações e experiências discriminatórias.

SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À DISCRIMINAÇÃO	RELATOS DOS ESTUDANTES QUE CARACTERIZAM O SENTIMENTO EM RELAÇÃO À DISCRIMINAÇÃO
Tristeza	<i>Eu só me sentia triste, mas depois foi passando assim, eu fui esquecendo, fui aceitando, e depois também mudou muito esse negócio de usar óculos, hoje em dia é moda, vamos dizer assim. (Estudante 6)</i>
	<i>Ele diz que não, mas a gente nota que ele fica triste em função do que acontece. (Estudante 7)</i>
	<i>[...] eu fiquei meio triste na hora, mas depois como eu vi que ninguém mais fez isso eu esqueci, sabe, ficou marcado, tá na minha cabeça, mas eu não dei mais boa pra quilo lá depois (Estudante 8)</i>
	<i>[...] naquele tempo lá eu ficava muito triste com isso, então acabava ferindo, [...] (Estudante 8)</i>
Tristeza, frustração, reclusão e impotência	<i>Foi frustração... total... muita tristeza, sentimento de reclusão, não de inferioridade, mas de me sentir de certa forma impotente assim [...] (Estudante 5)</i>
Tristeza, insegurança e vergonha	<i>Tristeza, talvez insegurança e vergonha, vergonha principalmente se estava perto de gurias, eu ficava muito envergonhado, bah... (Estudante 8)</i>
Tristeza e humilhação	<i>Ah, eu ficava muito triste assim... e humilhação né? Aquela coisa: ‘bah, tá todo mundo olhando, me chamaram de retardada, eu não sei como me defender, eu não sei o que fazer, como é que eu vou mostrar que eu não sou retardada’. (Estudante 3)</i>
Tristeza e Inibição	<i>Eu acho assim, na verdade assim foi bem gradual, porque no início eu fiquei, eu me acanhei, eu fiquei muito de canto, e eu me isolei, né... e quando eu ouvia esses comentários eu ficava triste, [...] (Estudante 5)</i>
Inibição e baixa autoestima	<i>O mais grave pra mim... foram... foram sequelas emocionais assim, de inclusive de baixa autoestima, de eu realmente me perguntar: “Bah, será que eu sou tudo isso que estão falando?”. E isso aí do meu comportamento</i>

	<i>de inibição pra amizades... eu não ia em frente, assim, porque eu ficava pensando eu uso óculos, essa pessoa vai me chamar de retardada, essa pessoa vai me chamar de mongolona e eu acabava inibindo meu comportamento pra conhecer novas pessoas. (Estudante 3)</i>
Inibição e vergonha	<i>E a minha própria vergonha, porque eu sabia que era feio, sabia que era ridículo usar óculos e acabava meio que ficando inibida, eu ficava inibida e não criava maiores amizades. (Estudante 3)</i>
Vergonha	<i>O que eu não gostava era, por exemplo, quando tinha gurias perto e daí eles chamavam: 'ah, chama lá o alemão' e daí daqui a pouco as gurias estavam perto e elas ficavam ouvindo sabe, eu ficava com vergonha, e quando minha mãe estava perto já que ela era professora daquela escola e alguém me chamava assim eu ficava com vergonha também [...] (Estudante 8)</i>
Injustiça	<i>Olha, eu acho que é completamente injusto, eu sempre me posiciono do lado do oprimido, sei lá eu fico pensando o que está acontecendo, o que passaria na cabeça dele assim [...] (Estudante 1)</i>
	<i>Eu achei meio injusto [...] (Estudante 4)</i>
Solidariedade (Pena)	<i>Eu sinto assim, solidariedade acho assim, talvez pena assim, eu fiquei muito abalada assim com isso muito... (Estudante 6)</i>
	<i>Não. Achava... na minha posição naquela época eu achava horrível e hoje também eu sinto pena das pessoas que são tratadas de uma forma diferente. (Estudante 3)</i>
Desapontamento	<i>Me senti desapontado, eu esperava que fosse normal, indiferente se eu tivesse no diurno ou no noturno, se eu me inscrevesse...eu teria o direito de me inscrever por ser aluno da faculdade. (Estudante 2)</i>
Sentir-se chateado e revoltado	<i>[...] ele tinha razões pra ficar muito chateado, pra ficar revoltado, foi uma situação corriqueira do trânsito, eu não sei te dizer agora o que ele fez exatamente, mas foi xingado assim [...]. (Estudante 5)</i>
Sentir-se reprimido	<i>[...] só que tinha alguns deles que não faziam nada de volta, que simplesmente ficavam quietos, e eu acho que eles se reprimiam, (Estudante 8)</i>
Sentir-se ridicularizada	<i>[...] eu como negra fui ridicularizada, enfim, como eu me senti ridicularizada quando me chamaram por apelido, entende? (Estudante 5)</i>
Raiva	<i>Raiva, sabe, vontade de mudar as coisas, vontade de tentar se fazer ouvido. (Estudante 5)</i>
Ódio	<i>Ódio, [...] elas não tem nenhuma noção assim do quanto aquilo afeta a pessoa emotivamente. (Estudante 6)</i>
Brabeza e Revolta	<i>Eu fiquei braba né, revoltada assim, mas... (Estudante 7)</i>
Constrangimento	<i>Eu fiquei constrangida, eu me senti mal com relação ao colega assim, até porque era uma situação que me envolvia diretamente, fui eu que fiquei pra apresentar no lugar dele, e eu me senti constrangida assim, porque agente tinha combinado de fazer de determinada forma, e aí de repente tudo mudou assim. (Estudante 4)</i>

De modo similar, Cecchetto e Monteiro (2006) identificaram, em homens jovens do Rio de Janeiro, sentimentos denominados de interiorização negativa, os quais representavam-se por relatos de humilhação, constrangimento, tristeza e mal estar. Currie et al. (2012) ao entrevistarem estudantes universitários aborígenes do Canadá, descreveram inúmeras reações

à discriminação por eles experimentadas, incluindo choque e frustração, além de sentimentos de desamparo e desesperança, explicando que, muitas vezes, os estudantes sofriam em silêncio, inibindo-se. Estudo sobre discriminação racial em uma comunidade negra de Genesee, nos Estados Unidos (SHULTZ; SKORCZ, 2012), encontraram sentimentos de raiva, ansiedade, tristeza e desapontamento associados à discriminação. Soto et al. (2012), ao estudarem universitários latinos, em 19 universidades dos Estados Unidos, também verificaram sentimentos de raiva, ansiedade e tristeza como as respostas mais comuns à discriminação percebida e argumentaram que a regulação das emoções negativas são altamente necessárias para a pessoa lidar com o evento.

Outro sentimento que merece destaque nos relatos dos estudantes foi o de solidariedade às vítimas da discriminação. O ato discriminatório é um problema social (LIMA; VALA, 2004) e, muitas vezes, entre as pessoas que a testemunham, pode ocorrer uma forte identificação de sentimentos de solidariedade (CAMPOS; STRIPLING; HEESACKER, 2012), como observado nesse estudo.

Por fim, os estudantes falaram sobre a relação entre a discriminação e manifestações na condição de saúde. Relatos de ansiedade associada ao estresse, gastrite, refluxo, azia, dor de cabeça e nervosismo foram observados pelos estudantes, a partir das situações e experiências de discriminação. Estresse e depressão também foram citados pelos estudantes, assim como a baixa autoestima, causando inibição social e trauma (Tabela 12).

Tabela 12–Relatos dos estudantes sobre a relação entre a discriminação e manifestações na condição de saúde.

REAÇÕES À DISCRIMINAÇÃO	RELATO DOS ESTUDANTES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DISCRIMINAÇÃO E MANIFESTAÇÕES NA CONDIÇÃO DE SAÚDE
Ansiedade, estresse, gastrite, refluxo	<i>Eu sou muito ansioso, então qualquer coisa eu vou ficar ansioso por esperar. Eu tenho gastrite, tenho pangastrite, uma inflamação em toda a mucosa do estômago, tenho refluxo, então qualquer situação de estresse já me ataca o estômago. (Estudante 2)</i>
Ansiedade, gastrite, azia, dor de cabeça	<i>Acho que sim. Acho que toda doença orgânica tá relacionado com o emocional, acho que si de alguma forma a pessoa fica triste demais, fica ansiosa, fica com alguma situação muito ansiogênica, claro que vai se refletir no corpo, pode ser numa gastrite nervosa, pode ser numa azia que seja, dor de cabeça, acho que com certeza. (Estudante 3)</i>
Ansiedade e nervosismo	<i>Olha, emocionalmente o que eu vejo, principalmente assim são... sei lá... meu pai fica super nervoso, e eu também fiquei nervosa na época, ansiosa [...] (Estudante 5)</i>
Estresse	<i>Eu não tava junto com ele, tá, mas meu pai chegou em casa loco da vida, estressado, falando que era um absurdo ouvir isso ainda hoje em dia [...] (Estudante 5)</i>
Estresse e depressão	<i>Sem duvida pode abalar psicologicamente a pessoa, né que só pode desencadear alterações físicas como, sei lá, pode causar uma depressão se</i>

	<i>essa discriminação é contínua, pode causar um estresse elevado na pessoa, esse tipo de coisa. (Estudante 7)</i>
Depressão	<i>Como eu disse, no caso do meu colega se ele não souber lidar com isso pode causar uma tristeza profunda, levar a um quadro depressivo. (Estudante 7)</i>
Baixa autoestima causando inibição social	<i>[...] que nem eu falei da minha baixa autoestima, elas vão começar a se perguntar se aquilo é verdade, se o que as pessoas estão falando se verifica, se não se verifica e eu acho realmente que pode causar uma inibição social. (Estudante 3)</i>
Trauma	<i>Eu acho que a discriminação pode gerar um trauma, pode fazer ele ficar inseguro e prejudicar a capacidade profissional dele. Fisicamente nada, acho que totalmente emocional. (Estudante 4)</i>

Estudos têm demonstrado associação entre experiências discriminatórias e condições adversas de saúde mental, incluindo depressão, distúrbios psicológicos, ansiedade e baixa autoestima (SHAVERS et al., 2012; BASTOS; FAERSTEIN, 2012b; PASCOE; RICHMAN, 2009; WILLIAMS; MOHAMMED, 2009).

Meta-análise realizada por Pascoe e Richman (2009), sobre a temática discriminação e saúde, mostrou que reações da discriminação sobre a saúde física podem ocorrer por meio de mecanismos de resposta ao estresse, gerado por um evento discriminatório e, nesse sentido, o estresse estaria ligado a respostas fisiológicas que, se fossem frequentes ao longo do tempo, poderiam ter efeitos deletérios sobre a saúde.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo de compreender as experiências de discriminação em estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisando as reações frente a tais experiências, a análise dos resultados do presente estudo mostrou que:

- o preconceito foi entendido pelos estudantes como um conceito pessoal, antecipado, pré-julgamento estabelecido em relação a outros, sem a presença de ação ou atitude contra uma determinada pessoa ou grupo/ o pensamento, a ideia;
- a discriminação foi compreendida como sendo o resultado, a manifestação concreta de um preconceito/ o ato, a atitude;
- ainda que reconheçam a importância social de ‘não discriminar’ ou ‘não ter preconceito’ contra determinado grupo, os estudantes manifestaram a presença do preconceito e de atitudes discriminatórias em sua trajetória de vida (experiências passadas ou presentes);
- distintos espaços foram apontados como cenários da discriminação, tais como escola/universidade, entrevista de trabalho/local de trabalho, loja, saindo de uma festa, rua, trânsito, um bar, uma atividade esportiva ou em qualquer espaço desde que haja a presença do ‘discriminador’;
- todos os estudantes entrevistados conseguiram identificar os motivos pelos quais aconteceu a discriminação em diversas situações da vida cotidiana, sendo que, muitas vezes, esses motivos foram múltiplos e associados simultaneamente;
- a discriminação despertou reações diversas nos estudantes, tais como sentimentos negativos, independentes ou associados, sendo a ‘tristeza’ o mais frequente, seguido por ‘inibição’ e ‘vergonha’; além de manifestações na condição de saúde (própria ou de outra pessoa), especialmente na condição de saúde mental.

Interpretar se uma situação ou experiência vivenciada constitui-se em um evento discriminatório é algo complexo. Os resultados desse estudo com universitários reforçam a importância de se avaliar as reações frente a tais experiências. Estudos com esta proposta podem informar sobre as formas de discriminação predominantes no país, bem como fornecer subsídios aos trabalhos do campo da saúde, que procuram vincular a discriminação com processos ligados à saúde-doença.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M.; HALDANE, H.; WIES, J. R. Mobilizing culture as an asset: a transdisciplinary effort to rethink gender violence. **Violence Against Women**. New York, v.18, p. 1-9, 2012.
- ADELSON, S. L. Practice parameter on gay, lesbian, or bisexual sexual orientation, gender nonconformity, and gender discordance in children and adolescents. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**, New York, v.51, p.957-74, 2012.
- AGUDELO-SUÁREZ, A. A. et al. The effect of perceived discrimination on the health of immigrant workers in Spain. **BMC Public Health**, London, v.11, p. 1-9, 2011.
- AKINSULORE, A.; ADEWUYA, A. Psychosocial aspects of epilepsy in Nigeria: a review. **Afr J Psychiatry**, Johannesburg, v. 13, no. 5, p. 351-6, 2010.
- AMODIO, D. M.; SHOWERS, C. J. 'Similarity breeds liking' revisited: The moderating role of commitment. **Journal of Social and Personal Relationships**, London, v. 22, p. 817-836, 2005.
- ARONSON, J. et al. Unhealthy interactions: the role of stereotype threat in health disparities. **Am J Public Health**, Washington, v. 103, no. 1, p. 50-6, 2013.
- BAMFORD, S. M.; WALKER, T. Women and dementia-not forgotten. **Maturitas**, Amsterdam, v. 73, no. 2, p. 121-6, 2012.
- BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, p.119 – 141, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, J. L.; FAERSTEIN, E. **Discriminação e saúde: perspectivas e métodos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012a.
- BASTOS, J. L.; FAERSTEIN, E. Conceptual and methodological aspects of relations between discrimination and health in epidemiological studies. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 177-83, 2012b.
- BASTOS, J. L. et al. Discriminação racial e saúde: uma revisão sistemática das escalas com foco em suas propriedades psicométricas. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 4-16, 2011.
- BASTOS, J. L. et al. Experiências de discriminação entre universitários do Rio de Janeiro. **Rev Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 28-38, 2010.
- BEAGAN, B. L.; FREDERICKS, E.; GOLDBERG, L. Nurses' work with LGBTQ patients: "they're just like everybody else, so what's the difference"? **Can J Nurs Res**, Montreal, v. 44, no. 3, p. 44-63, 2012.

- BERMEJO, I. et al. Barriers in the attendance of health care interventions by immigrants. **Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung Gesundheitsschutz**, Berlin, v. 55, no. 8, p. 944-53, 2012.
- BERNSTEIN, M.; SWARTWOUT, P. Gay officers in their midst: heterosexual police employees' anticipation of the consequences for coworkers who come out. **J Homosex**, New York, v. 59, no. 8, p. 1145-66, 2012.
- BHUI, K. S. et al. Does cultural integration explain a mental health advantage for adolescents? **Int J Epidemiol**, London, v.41, p.791-802, 2012.
- BLACKSTOCK, O. J. et al. HIV providers' perceptions of and attitudes toward female versus male patients. **AIDS Patient Care STDS**, Larchmont, v. 26, no. 10, p. 582-8,2012.
- BLAIR, I. V. et al. Assessment of biases against Latinos and African Americans among primary care providers and community members. **Am J Public Health**, Washington, v. 103, no. 1, p. 92-8, 2013.
- BRIGGS, R.; ROBINSON, S.; O'NEILL, D. Ageism and clinical research. **Ir Med J**, Dublin, v. 105, no. 9, p. 311-2, 2012.
- BROUSSARD, B. et al. Social distance and stigma toward individuals with schizophrenia: findings in an urban, African-American community sample. **J Nerv Ment Dis**. Chicago, v.200, p.935-40, 2012.
- BROWN, C. S.; CHU, H. Discrimination, ethnic identity, and academic outcomes of Mexican immigrant children: the importance of school context. **Child Dev**, New York, v. 83, no. 5, p. 1477-85, 2012.
- BUSTILLOS, A.; FERNANDEZ-BALLESTEROS, R.; HUICI, C. Effects of category label activation about the elderly. **Psicothema**, Oviedo, v. 24, no. 3, p. 352-7, 2012.
- CALLANDER, D.; HOLT, M.; NEWMAN, C. E. Just a preference: racialised language in the sex-seeking profiles of gay and bisexual men. **Cult Health Sex**, London, v. 14, no. 9, p. 1049-63, 2012.
- CAMBRONERO, S. B.; RUIZ, C. M. T.; PAPI, G. N. Quality of pharmaceutical advertising and gender bias in medical journals (1998-2008): a review of the scientific literature. **Gac Sanit**, Barcelona, v.26, p.469-76, 2012.
- CAMPOS, I. D.; STRIPLING, A. M.; HEESACKER, M. "Estoy viejo" [I'm old]: internalized ageism as self-referential, negative, ageist speech in the Republic of Panama. **J Cross Cult Gerontol**, New York, v. 27, no. 4, p. 373-90,2012.
- CECCHETTO, F.; MONTEIRO, S. Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n.1, p. 199-218, 2006.
- CLAESEN, E.; PRYCE, H. An exploration of the perspectives of help-seekers prescribed hearing aids. **Prim Health Care Res Dev**, London, v.13, p.279-84, 2012.

CRONIN, T. J. et al. Ethnic identification in response to perceived discrimination protects well-being and promotes activism: A longitudinal study of Latino college students. **Group Processes & Intergroup Relations**, London, v. 15, n. 3, p.393-407, 2012.

CUFFEE, Y. L.; HARGRAVES, J. L.; ALLISON, J. Exploring the association between reported discrimination and hypertension among African Americans: a systematic review. **Ethn Dis**, Atlanta, v. 22, no. 4, p. 422-31, 2012.

CURRIE, C. L. et al. Racial discrimination experienced by aboriginal university students in Canada. **Can J Psychiatry**, Ottawa, v. 57, no. 10, p. 617-25, 2012.

DAUMERIE, N. et al. Discrimination perceived by people with a diagnosis of schizophrenic disorders. International study of Discrimination and Stigma Outcomes (INDIGO): French results. **Encephale**, Paris, v.38, p.224-31, 2012.

DICKTER, C. L. Confronting hate: heterosexuals' responses to anti-gay comments. **J Homosex**, New York, v. 59, no. 8, p. 1113-30, 2012.

DOVIDIO, J.F. et al. Prejudice, stereotyping, and discrimination: theoretical and empirical overview. In: DOVIDIO, J. F. **The Sage Handbook of Prejudice, Stereotyping, and Discrimination**. London: Sage, 2010.

DUREY, A.; THOMPSON, S. C. Reducing the health disparities of Indigenous Australians: time to change focus. **BMC Health Serv Res**. London, v.12, p.151, 2012.

DWORZYNSKI, K. et al. How different are girls and boys above and below the diagnostic threshold for autism spectrum disorders? **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**, New York, v.51, p.788-97, 2012.

EACK, S. M. et al. Interviewer-perceived honesty as a mediator of racial disparities in the diagnosis of schizophrenia. **Psychiatr Serv**, Washington, v.63, p.875-80, 2012.

EARNSHAW, V. A. et al. Stereotypes about people living with HIV: implications for perceptions of HIV risk and testing frequency among at-risk populations. **AIDS Educ Prev**, New York, v. 24, no. 6, p. 574-81, 2012.

ELLIS, H. A. Mental health disparities in the older Afro-Caribbean population living in the United States: cultural and practice perspectives for mental health professionals. **J Psychosoc Nurs Ment Health Serv**, Thorofare, v. 50, no. 9, p. 36-44, 2012.

ERTEL, K. A. et al. Racial discrimination, response to unfair treatment, and depressive symptoms among pregnant black and African American women in the United States. **Ann Epidemiol**, New York, v. 22, no. 12, p. 840-6, 2012.

EVANS-LACKO, S. et al. Association between public views of mental illness and self-stigma among individuals with mental illness in 14 European countries. **Psychol Med**, London, v.42, p.1741-52, 2012.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3.ed, Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUENTE, A.; HERRERO, J. Social integration of Latin-American immigrants in Spain: the influence of the community context. **Span J Psychol**, Madrid, v. 15, no. 3, p. 1201-9, 2012.

FULLER-ROWELL, T. E.; EVANS, G. W.; ONG, A. D. Poverty and health: the mediating role of perceived discrimination. **Psychol Sci**. New York, v.23, p.734-9, 2012.

GAMAREL, K. E. et al. Association between socioeconomic position discrimination and psychological distress: findings from a community-based sample of gay and bisexual men in New York City. **Am J Public Health**, Washington, v. 102, no. 11, p. 2094-101, 2012.

GIAMO, L. S.; SCHMITT, M. T.; OUTTEN, H. R. Perceived discrimination, group identification, and life satisfaction among multiracial people: a test of the rejection-identification model. **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol**, Washington, v.18, p.319-28, 2012.

GILLUM, T. L.; DIFULVIO, G. "There's so much at stake": sexual minority youth discuss dating violence. In: (Ed.). **Violence Against Women**, New York, v.18, p.725-45, 2012.

GOODMAN, M. S. et al. Self-reported segregation experience throughout the life course and its association with adequate health literacy. **Health Place**, Exford, v.18, p.1115-21, 2012.

GORODZEISKY, A; Focus groups as a tool in the construction of questionnaires: the case of discriminatory attitudes. **Qual Quant**, Padova, v. 45, p.1217-31, 2011.

GRANDNER, M. A. et al. Perceived racial discrimination as an independent predictor of sleep disturbance and daytime fatigue. **Behav Sleep Med**, London, v. 10, no. 4, p. 235-49, 2012.

HERRICK, A. L. et al. Adversity and syndemic production among men participating in the multicenter AIDS cohort study: a life-course approach. **Am J Public Health**, Washington, v. 103, no. 1, p. 79-85, 2013.

HOGGARD, L. S.; BYRD, C. M.; SELLERS, R. M. Comparison of African American college students' coping with racially and nonracially stressful events. **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol**, Washigton, v.18, p.329-39, 2012.

HORNER, B. et al. How prepared is the retirement and residential aged care sector in Western Australia for older non-heterosexual people? **Qual Prim Care**, Abingdon, v. 20, no. 4, p. 263-74, 2012.

HOYTJÚNIOR, C. The pedagogy of the meaning of racism: reconciling a discordant discourse. **Soc Work**, London, v. 57, no. 3, p. 225-34, 2012.

HOYT, M. A.; RUBIN, L. R. Gender representation of cancer patients in medical treatment and psychosocial survivorship research: changes over three decades. **Cancer**, New York, v. 118, n. 19, p. 4824-32, 2012.

JEFFE, D. B.; YAN, Y.; ANDRIOLE, D. A. Do research activities during college, medical school, and residency mediate racial/ethnic disparities in full-time faculty appointments at U.S. Medical schools? **Acad Med**, Philadelphia, v. 87, no. 11, p. 1582-93, 2012.

JOHANNESSEN, K. A.; HAGEN, T. P. Variations in labor supply between female and male hospital physicians: results from a modern welfare state. **Health Policy**, Amsterdam, v.107, p.74-82, 2012.

JOHNSTON, D. W.; LORDAN, G.; Discrimination makes me sick! An examination of the discrimination – health relationship. **Journal of Health Economics**, v.3, p. 99-111, 2012.

JONG, A. M.; VAN NES, F. A.; LINDEBOOM, R. The Dutch Activity Card Sort institutional version was reproducible, but biased against women. **Disabil Rehabil**, London, v. 34, no. 18, p. 1550-5, 2012.

KAWACHI, I.; SUBRAMANIAN, S.V.; ALMEIDA-FILHO, N. A glossary for health inequalities. **J Epidemiol Community Health**, London, v.56, no.9, p.647-652, 2002.

KAWACHI, I. Income inequality and health. In: BERKMAN, L. F.; KAWACHI, I. (Ed). **Social epidemiology**. New York: Oxford University Press, 2000.

KOO, K. H. et al. Misogyny, acculturation, and ethnic identity: relation to rape-supportive attitudes in Asian American college men. **Arch Sex Behav**, New York, v. 41, n. 4, p. 1005-14, 2012.

KRIEGER, N. A glossary for social epidemiology. **J Epidemiol Community Health**, London, v. 55, no. 10, p.693-700, 2001.

KRIEGER, N. Discrimination and health. In. BERKMAN, L. F., KAWACHI, I. (Org.). **Social epidemiology**. Nova York: Oxford University Press, p.36-75, 2000.

LAGACÉ, M.; CHARMARKEH, H.; GRANDENA, F. Cultural perceptions of aging: the perspective of Somali Canadians in Ottawa. **J Cross Cult Gerontol**, New York, v. 27, no. 4, 2012.

LEE, T. Getting to know you: using documentary video-making to challenge ageist stereotypes. **Gerontol Geriatr Educ**, Austin, v. 33, no. 3, p. 272-86, 2012.

LEIBA, T. Mental scars of racism. **Nurs Stand**, London, v. 27, no. 5, p. 22-3, 2012.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, v.9, n. 3, p. 401-411, 2004

LIN, Y. J.; ISRAEL, T. A computer-based intervention to reduce internalized heterosexism in men. **J Couns Psychol**, Washington, v.59, p.458-64, 2012.

LOPEZ, V.; CHESNEY-LIND, M.; FOLEY, J. Relationship power, control, and dating violence among Latina girls. **Violence Against Women**, New York, v.18, p.681-90, 2012.

- LYNCH, J.; HARPER, S. Measuring health inequalities. In: OAKES, J. M.; KAUFMAN, J. S. (Org.). **Methods in social epidemiology**. San Francisco: Jossey-Bass, p. 134-168, 2006.
- MATHARU, K. et al. Medical students' attitudes toward gay men. In: (Ed.). **BMC Med Educ**, London, v.12, p.71, 2012.
- MAJOR, B.; O'BRIEN, L. T. The Social Psychology of Stigma. **Annu. Rev. Psychol.**, Palo Alto, v.56, p. 393-421, 2005.
- MAZEROLLE, M. et al. Stereotype threat strengthens automatic recall and undermines controlled processes in older adults. **Psychol Sci**, New York, v.23, p.723-7, 2012.
- MILKMAN, K. L.; AKINOLA, M.; CHUGH, D. Temporal distance and discrimination: an audit study in academia. **Psychol Sci**. New York, v.23, p.710-7, 2012.
- MOSS-RACUSIN, C. A. et al. Science faculty's subtle gender biases favor male students. In: (Ed.). **Proc Natl Acad Sci U S A**. Washington, v.109, p.16474-9, 2012.
- MYTHEN, G. Identities in the third space? Solidity, elasticity and resilience amongst young British Pakistani Muslims. **Br J Sociol**, London, v. 63, no. 3, p. 393-411, 2012.
- NOMURA, K.; GOHCHI, K. Impact of gender-based career obstacles on the working status of women physicians in Japan. **Soc Sci Med**, New York, v.75, p.1612-6, 2012.
- NORTH, M. S.; FISKE, S. T. An inconvenienced youth? Ageism and its potential intergenerational roots. **Psychol Bull**, Washington, v.138, p.982-97, 2012.
- NYARKO, K. A.; WEHBY, G. L. Residential segregation and the health of African-American infants: does the effect vary by prevalence? **Matern Child Health J**, New York, v. 16, no. 7, p. 1491-9, 2012.
- OLIVEIRA, C. L. P.; BARRETO, P. C. S. Percepção do racismo no Rio de Janeiro. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 183-213, 2003.
- ONIFADE, D. A. et al. Gender-related factors influencing tuberculosis control in shantytowns: a qualitative study. **BMC Public Health**. London, v.10, p.381, 2010.
- ORNELAS, I. J; HONG, S. Gender differences in the relationship between discrimination and substance use disorder among Latinos. **Subst Use Misuse**, v. 47, no. 12, p. 1349-58, 2012.
- OSCH, Y. M. J.; BREUGELMANS, S. M. Perceived Intergroup Difference as an Organizing Principle of Intercultural Attitudes and Acculturation Attitudes. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, Beverly Hills, v. 43, no. 5, 2012.
- OTLOWSKI, M.; TAYLOR, S.; BOMBARD, Y. Genetic discrimination: international perspectives. **Annu Rev Genomics Hum Genet**, Palo Alto, v. 13, p. 433-54, 2012.
- OXMAN-MARTINEZ, J. et al. Perceived ethnic discrimination and social exclusion: newcomer immigrant children in Canada. **Am J Orthopsychiatry**, Washington, v. 82, no. 3, p. 376-88, 2012.

- PADELA, A. I. et al. Patient choice of provider type in the emergency department: perceptions and factors relating to accommodation of requests for care providers. **Emerg Med J**. London, v.27, p.465-9, 2010.
- PARADIES, Y. C.; WILLIAMS, D. R. Racism and health In: HEGGENHOUGEN, K.; QUAD, S. (Ed.). **Internacional Encyclopedia of Public Health**. San Diego: Academic Press, p. 474-482, 2008.
- PARKER, R. Stigma, prejudice and discrimination in global public health. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p.164-69, 2012.
- PASCOE, E. A.; RICHMAN, L. S. Perceived discrimination and health: a meta-analytic review. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 135, no. 4, p. 531-554, 2009.
- PETERSON, J. L.; PUHL, R. M.; LUEDICKE, J. An experimental assessment of physical educators' expectations and attitudes: the importance of student weight and gender. **J Sch Health**, Columbus, v. 82, no. 9, p. 432-40, 2012.
- PHELAN, J. C.; LINK, B. G.; DOVIDIO, J. F. Stigma and prejudice: One animal or two?. **Social Science & Medicine**, New York, v.67, p. 358–367, 2008.
- PLOUS, S. **Understanding Prejudice and Discrimination**. New York: McGraw-Hill, 2003.
- POÍNHOS, R. Gender bias in medicine. **Acta Med Port**, Lisboa, v. 24, no. 6, p. 975-86, 2011.
- POTTER, S. J.; FOUNTAIN, K.; STAPLETON, J. G. Addressing sexual and relationship violence in the LGBT community using a bystander framework. **Harv Rev Psychiatry**, St. Louis, v. 20, no. 4, p. 201-8, 2012.
- ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação de resultados**. Belo Horizonte, 2008.
- SCHROTER, A.; RIHA, O.; STEINBERG, H. Biased objectivity--images of women in 19th century German neuroscience. **Fortschr Neurol Psychiatr**, Stuttgart, v. 80, no. 9, p. 512-9, 2012.
- SHAVERS, V. L. et al. The State of Research on Racial/Ethnic Discrimination in The Receipt of Health Care. **Am J Public Health**, Washington, v. 102, no. 5, p. 953-966, 2012.
- SHAW, A. K.; STANTON, D. E. Leaks in the pipeline: separating demographic inertia from ongoing gender differences in academia. **Proc Biol Sci**, London, v.279, p.3736-41, 2012.
- SHULTZ, C.; SKORCZ, S. African American infant mortality and the Genesee County, MI REACH 2010 initiative: an evaluation of the Undoing Racism Workshop. **Soc Work Public Health**, London, v. 27, no. 6, p. 567-603, 2012.

- SIEVERDING, M.; KENDEL, F. Gender (role) aspects in doctor-patient communication. **Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung Gesundheitsschutz**, Berlin, v. 55, no. 9, p. 1118-24, 2012.
- SILVA, G. M.; REIS, E. P. Perceptions of Racial Discrimination among Black Professionals in Rio De Janeiro. **Latin American Research Review**, Austin, v. 46, no. 2, p. 55-78, 2011.
- SIQUEIRA, R.; CARDOSO, H. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, San Tiago, v. 2, no. 1, p. 92-113, 2011.
- SKEGGS, B.; LOVEDAY, V. Struggles for value: value practices, injustice, judgment, affect and the idea of class. **Br J Sociol**, London, v. 63, no. 3, p. 472-90, 2012.
- SMIT, P. J. et al. HIV-related stigma within communities of gay men: a literature review. **AIDS Care**, London, v. 24, no. 4, p. 405-12, 2012.
- SOTO, J. A. et al. Strength in numbers? Cognitive reappraisal tendencies and psychological functioning among Latinos in the context of oppression. **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol**, Washington, v.18, p.384-94, 2012.
- SPANGENBERG, L. et al. Use of family resources in future need of care. Care preferences and expected willingness of providing care among relatives: a population-based study. **Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung Gesundheitsschutz**, Berlin, v. 55, no. 8, p. 954-60, 2012.
- STEPANIKOVA, I. Racial-ethnic biases, time pressure, and medical decisions. **J Health Soc Behav**, New York, v.53, p.329-43, 2012.
- STEVENS, A. et al. National Institute for Health and Clinical Excellence appraisal and ageism. **J Med Ethics**, London, v.38, p.258-62, 2012.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- TAGUIEFF, P. A. **O racismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- THOMAS, B. et al. Ensuring it works: a community-based approach to HIV prevention intervention development for men who have sex with men in Chennai, India. **AIDS Educ Prev**, New York, v. 24, no. 6, p. 483-99, 2012.
- TORRES-HARDING, S. R.; SIERS, B.; OLSON, B. D. Development and psychometric evaluation of the Social Justice Scale. **Am J Community Psychol**, Washington, v. 50, no. 1-2, p. 77-88, 2010.
- TURATO, E. R. **Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WANG, M. T.; HUGULEY, J. P. Parental racial socialization as a moderator of the effects of racial discrimination on educational success among African American adolescents. **Child Dev**, New York, v. 83, no. 5, p. 1716-31, 2012.

WEI, M. et al. Ethnic and mainstream social connectedness, perceived racial discrimination, and posttraumatic stress symptoms. **J Couns Psychol**, Washigton, v.59, p.486-93, 2012.

WESTRING, A. F. et al. A culture conducive to women's academic success: development of a measure. **Acad Med**, Philadelphia, v. 87, no. 11, p. 1622-31, 2012.

WHITEHEAD, M. The concepts and principles of equity and health. **Int J Health Serv**, Amityville, v. 22, n. 3, p. 429-445, 1992.

WILLIAMS, D. R. Miles to go before we sleep: racial inequities in health. **J Health Soc Behav**, Albany, v.53, p.279-95, 2012.

WILLIAMS, D. R.; LEAVELL, J. The social context of cardiovascular disease: challenges and opportunities for the Jackson Heart Study. **Ethn Dis**, Atlanta, v. 22, no. 3, p.15-21, 2012.

WILLIAMS, D. R.; MOHAMMED, S. A.; Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research. **J Behav Med**, New York, v. 32, p. 20-47, 2009.

WOODFORD, M. R. et al. "That's so gay!": Examining the covariates of hearing this expression among gay, lesbian, and bisexual college students. **J Am Coll Health**, Carbondale, v. 60, no. 6, p. 429-34, 2012.

YEP, G. A.; ELIA, J. P. Racialized masculinities and the new homonormativity in LOGO's Noah's Arc. **J Homosex**, New York, v. 59, no. 7, p. 890-911, 2012.

ZUCKERMAN, R. B. et al. Perceived reactions to race and health status in the Massachusetts Behavioral Risk Factor Surveillance System Survey. **Ethn Dis**, Atlanta, v. 22, no. 4, p. 492-6, 2012.

APÊNDICE A – QUADRO SÍNTESE DA REVISÃO DE LITERATURA

Autor(es)	Ano	Objeto do estudo	Objetivo do estudo	População estudada	Metodologia
Leiba	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Negros e minorias étnicas)	Discute a representação de pacientes negros e de minorias étnicas nos serviços de saúde mental	--	Ensaio teórico
Hoyt Júnior	2012	Discriminação em relação à raça/etnia	Discute o conceito de racismo	--	Ensaio teórico
Briggs; Robinson; O'Neill	2012	Discriminação em relação à idade (Idosos)	Verificar se a exclusão de pessoas idosas foi frequente em projetos de pesquisa que envolvia o uso de medicamentos	--	Estudo qualitativo (Análise documental. Avaliação de projetos de pesquisa nos hospitais de ensino de Dublin e submetidos ao CEP)
Earshaw et al.	2012	Discriminação em relação a uma necessidade especial (Portadores de HIV)	Verificar a discriminação associadas ao HIV	93 pessoas que vão fazer tratamento para HIV	Estudo transversal (Questionário e coleta de dados médicos)
Thomas et al.	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Homens homossexuais)	Compreensão de barreiras logísticas e socioculturais de homossexuais durante o acesso a serviços de prevenção do HIV	55 homossexuais homens	Estudo qualitativo (Grupos focais e entrevistas)
Fuente; Herrero	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Imigrantes latinos americanos na Espanha)	Analisar elementos da comunidade (insegurança, discriminação e apoio informal) que possa ter influência sobre a integração social dos imigrantes latino-americanos	Imigrantes latinos americanos vivendo na Espanha	Estudo transversal (Questionários)
Williams; Leavell	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Afro-americanos)	Compreender as disparidades raciais em doenças cardiovasculares	--	Dados secundários da pesquisa: 'Jackson Heart Study'
Beagan; Fredericks;	2012	Discriminação em relação à orientação sexual	Percepção das enfermeiras que trabalham com os pacientes que se identificam como gays, lésbicas,	12 enfermeiras que trabalham com pacientes LGBTQ	Estudo qualitativo (Entrevistas semiestruturadas)

Goldberg		(Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e homossexuais)	bissexuais, transgêneros, ou homossexuais (LGBTQ)		
Blair et al.	2013	Discriminação em relação à raça/etnia (Latinos e Afro-americanos)	Avaliar preconceito implícito e explícito entre prestadores de cuidados primários e membros da comunidade de uma mesma área geográfica	210 prestadores de cuidados na atenção primária e 190 membros da comunidade	Estudo transversal (Questionário)
Herrick et al.	2013	Discriminação em relação à orientação sexual (Homens Homossexuais)	Testar a teoria da produção sindêmica entre homens homossexuais, utilizando dados de um grande estudo de coorte	--	Dados secundários da pesquisa: 'Multicenter AIDS Cohort Study'
Aronson et al.	2013	Discriminação em relação à condição social	Implicações da discriminação social para a saúde e comportamentos relacionados à saúde	--	Ensaio teórico
Zuckerman et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia(População em geral)	Avaliar a relação entre raça, percepção de racismo e resultados de saúde	População em geral por meio de ligações telefônicas aleatórias (n=8226)	Estudo transversal (Questionário respondido por meio de uma pesquisa telefônica anual que recolhe dados sobre novas questões de saúde pública, condições de saúde, fatores de risco e comportamentos)
Cuffee; Hargraves; Allison.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia(Afro-americanos)	Identificar evidências ligando a experiência de discriminação com hipertensão entre afro-americanos	--	Revisão de literatura
Broussard et al.	2012	Discriminação em relação a uma deficiência mental(Portadores de esquizofrenia)	Investigar a distância social e o estigma em uma comunidade específica	Protestantes, de baixa renda, área urbana, membros da comunidade Afro-Americana no sudeste dos Estados Unidos (n=282)	Estudo transversal (Questionário contendo questões adaptadas da - Social Distance Scale e Semantic Differential Measure, além de questões sócio demográficas)
Ertel et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia(Afro-americanas grávidas)	Avaliar a associação entre o auto-relato de discriminação racial e sintomas de depressão pré-natal entre mulheres negras	Afro-americanas grávidas	Estudo transversal (Escala - Experiences of Discrimination Scale e Edinburgh Postnatal Depression Scale)
Horner et	2012	Discriminação em relação	Explorar atitudes, conhecimentos e práticas de	329 Prestadores e gestores	Estudo qualitativo e transversal (Grupos focais)

al.		à orientação sexual (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e hemafroditas)	asilos para acomodar indivíduos (GLBTI)	de casas de cuidado para idosos e membros da comunidade GLBTI	conduzidos com gestores das casas de cuidado e membros da comunidade GLBTI e questionários enviados via correio a prestadores de cuidados)
Currie et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Estudantes universitários canadenses aborígenes)	Medir o grau em que os estudantes universitários aborígenes experienciaram o racismo, e examinar o impacto dessas experiências em saúde mental	60 estudantes universitários canadenses aborígenes	Estudo transversal (Questionário: Experiences of Discrimination)
Soto et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Estudantes universitários latinos)	Examinar como a exposição à opressão pessoal interage entre uma amostra de âmbito nacional de estudantes universitários latinos dentro de um contexto opressivo	425 estudantes universitários latinos nos EUA	Estudo transversal (Escala)
Giamo; Schmitt; Outten	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Grupos étnicos minoritários)	Testar o RIM (Modelo de identificação de rejeição) em uma amostra de pessoas multirraciais	252 pessoas auto-identificadas como multirraciais	Estudo Transversal (Escala que busca medir a percepção de discriminação, e de satisfação com a vida)
Jeffe; Yan; Andriole	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Grupos étnicos minoritários)	Testar hipóteses relacionadas às disparidades raciais / étnicas nas nomeações acadêmicas das faculdades de medicina nos Estados Unidos	Alunos matriculados de 1994 – 2000 nas escolas de medicina e que completaram a graduação antes de 2009 (n=62.749)	Estudo de coorte nacional retrospectivo
Westring et al.	2012	Discriminação em relação ao gênero (Mulheres na carreira acadêmica)	A cultura dos ambientes de trabalho inibe o sucesso das mulheres na carreira acadêmica médica, os autores abordaram esta lacuna	133 professoras assistentes da Universidade da Pensilvânia	Estudo qualitativo e transversal (Grupo focal e uso da escala - Measure of Culture Conducive to Women's Academic Success)
Gamarel et al.	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Homens homossexuais e bissexuais)	Examinar se experiências de discriminação foram positivamente associadas com saúde mental (depressão e escores de sintomas ansiosos) de homens homossexuais e bissexuais	342 homens de diversas etnias em 3 eventos GLB (Gays, Lésbicas e Bissexuais) em New York City, de 2010	Estudo transversal (Levantamento contendo questões demográficas, experiências de discriminação do último ano e de saúde mental)

Campos; Stripling; Heesacker	2012	Discriminação em relação à idade (Idosos)	O estudo explorou preconceito negativo para com idosos na República do Panamá	159 estudantes universitários do Panamá (48 homens e 107 mulheres), com idades entre 18-65	Estudo transversal (Aplicação de 3 questionários: Critical Incident questionnaire based on Flanagan's; Cuestionario parágrafo evaluar estereotipo social vejez; e um questionário demográfico)
Moss-Racusin et al.	2012	Discriminação em relação ao gênero (Mulheres na carreira acadêmica)	Determinar se a academia expressa um preconceito contra estudantes do sexo feminino, além de identificar os processos que contribuem para esse preconceito	Amostracional de professores de biologia, química e física. (n= 127)	Estudo duplo-cego randomizado (Avaliar o material de inscrição de um estudante que foi aleatoriamente homem ou mulher para uma posição de gerente de laboratório)
Blackstock et al.	2012	Discriminação em relação ao gênero (Mulheres portadoras de HIV)	Investigar a possibilidade de que os prestadores de cuidado aos portadores de HIV podem ter percepções e atitudes mais negativas em relação ao sexo feminino do que ao masculino	37 provedores de cuidado e 317 portadores de HIV	Estudo transversal (Aplicação de escalas)
Bernstein; Swartwout	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Gays e lésbicas)	Explicar como heterossexuais esperam que os colegas de orientação gays e lésbicas esperam ser tratados		Estudo Transversal (Questionário contendo dados demográficos e a cinco perguntas sobre o envolvimento dos participantes em uma série de comportamentos anti-homossexuais, aplicação da escala - "Attitudes Toward Lesbians and Gays Scale")
Dickter	2012	Discriminação em relação à orientação sexual	Estudo online utilizado para examinar variáveis individuais e situacionais que influenciam as reações verbais e não verbais e suas respostas às observações sexualmente preconceituosas	105 alunos de graduação em uma faculdade de artes liberais da Inglaterra	Estudo Transversal (Questionário com dados demográficos e aplicação da escala - "Attitudes Toward Lesbians and Gays Scale")
Brown; Chu	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Crianças imigrantes latinas)	Examinar a identidade étnica, a percepção de discriminação e atitudes acadêmicas e desempenho de crianças imigrantes mexicanas que vivem em uma comunidade	204 crianças imigrantes mexicanas que vivem em uma comunidade predominantemente branca	Estudo transversal (Escala para medir a identidade étnica, a percepção da discriminação e o desempenho acadêmico)

			predominantemente branca		
Shultz; Skorcz	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Afro-americanos)	Examinar resultados de mortalidade infantil, status socioeconômico de Afro-americanos e brancos de Genesee, avaliar os efeitos da Oficina Racismo, e introduzir a abordagem ecológica para o ciclo de socialização como uma ferramenta para ajudar a identificar fontes de tensão racial	412 participantes em geral, 36 prestadores de serviços médicos, e 11 líderes organizacionais	Estudo qualitativo e transversal (Questionário e aplicação de uma escala, além de perguntas abertas e fechadas)
Skeggs; Loveday	2012	Discriminação em relação à condição social	Explorar como a luta por condição social é experienciada: sentida, conhecida e falada através de discursos de injustiça	--	Ensaio teórico
Mythen	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Paquistaneses britânicos jovens vivendo no noroeste da Inglaterra)	Apresentar as experiências de discriminação e perspectivas de paquistaneses britânicos jovens vivendo no noroeste da Inglaterra	32 paquistaneses britânicos jovens de 18-26 anos de idade	Estudo qualitativo (Grupos focais)
Ornelas; Hong	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Latinos)	Investigar diferenças de gênero na relação entre discriminação e transtorno por uso de substâncias alucinógenas entre latinos	--	Dados secundários da pesquisa: 'National Latino and Asian American Study collected in 2002-2003'
Grandner et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (População em geral)	Associação entre a percepção de discriminação racial e o autorrelato de distúrbios do sono e fadiga diurna	7.148 adultos de Michigan e Wisconsin	Dados secundários de pesquisa: 'Dados de 2006 do Behavioral Risk Factor Surveillance System'
Fernández et al.	2012	Discriminação em relação à aparência física (Nanismo)	Avaliar o papel que os contextos sociais exercem no modo como as pessoas com baixa estatura (nanismo) lidam com as consequências negativas da discriminação	Pessoas com nanismo da Espanha (n = 63) e nos EUA (n = 145)	Estudo transversal (Questionário incluindo medidas de: altura, difusão da discriminação, bem-estar psicológico e a cirurgia Limblengthening)
Callander; Holt; Newman	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (População em geral)	Explorar as maneiras que os homens gays na Austrália empregam a relação de raça ao usar a linguagem em sites de sexo online/namoro	Usuários de sites de sexo online/namoro	Estudo qualitativo (Análise de falas de sites de encontro)
Lagacé;	2012	Discriminação em relação	Entender como homens e mulheres idosos da	17 idosos da Somália	Estudo qualitativo (Grupos focais)

Charmarke; Grandena		à idade (Idosos da Somália que vivem no Canadá)	Somália que vivem no Canadá percebem e experimentam o envelhecimento em uma perspectiva intercultural	(9 mulheres e 8 homens)	
Williams	2012	Discriminação em relação à raça/etnia	Fornecer uma visão do conhecimento atual das desigualdades raciais em saúde	--	Ensaio teórico
Sieverding; Kendel	2012	Discriminação em relação ao gênero	Discutir e ilustrar aspectos pertinentes de papéis de gênero na relação médico-paciente	--	Ensaio teórico
Lopez; Chesney-Lind; Foley	2012	Discriminação em relação ao gênero (Mulheres latinas americanas)	Examinar como mulheres latinas interpretam poder e controle dentro de suas relações com um foco em como estes processos se relacionam com a violência no namoro	18 meninas latinas com idades de 14 e 18 anos.	Estudo qualitativo (Entrevistas semiestruturadas)
Yep; Elia	2012	Discriminação em relação à orientação sexual	Analisa a relação entre formas específicas de masculinidades raciais e a homonormatividade presente em uma série de televisão	--	Ensaio teórico
Adelson	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Homens homossexuais e bissexuais)	Promover a competência clínica em pessoas que cuidam de crianças e adolescentes que estão crescendo sendo LGBTQ, refletindo sobre as melhores práticas clínicas para eles	--	Revisão de literatura
Ellis	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Afro-caribenhos residentes nos Estados Unidos)	Descrever como determinantes culturais levam a disparidades de saúde mental, entre afro-caribenhos residentes nos Estados Unidos	--	Revisão de literatura
Potter; Fountain; Stapleton	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Comunidade LGBT)	Examinar estratégias de prevenção que focam na prevenção da violência sexual e de relacionamento e discutir como tais estratégias estão dirigidas e tratam a violência sexual na comunidade LGBT	--	Revisão de literatura

Peterson; Puhl; Luedicke	2012	Discriminação em relação à aparência física(Sobrepeso)	Avaliar se professores de Educação Física podem endossar estereótipos e atitudes negativas para com jovens com sobrepeso, podendo influenciar a participação nas atividades físicas	162 educadores físicos.	Estudo transversal (Questionário com perguntas demográficas e sobre sua profissão, além da aplicação da escala - Fat Fobia Scale)
Oxman- Martinez et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Crianças imigrantes da República Popular da China, Hong Kong e Filipinas no Canadá)	Análise das relações entre a percepção de discriminação étnica, exclusão social, funcionamento psicossocial e o desempenho escolar de crianças imigrantes	--	Dados secundários das pesquisas: "New Canadian Children e Youth Study of Children Aged 11-13 years"
Bamford; Walker	2012	Discriminação em relação a uma deficiência mental(Mulheres com demência)	Compreensão das dimensões específicas do sexo e de gênero para ajudar a formular uma saúde mais eficaz e orientada e as políticas de assistência social	--	Revisão de literatura
Matharu et al.	2012	Discriminação em relação à orientação sexual(Homens homossexuais)	Caracterizar as atitudes dos alunos de medicina para com homens gays, com foco em comportamento, personalidade, direitos civis homossexuais, e resistência ao atendimento	371 estudantes de medicina matriculados na Universidade da Califórnia, em Davis (n= 371)	Estudo transversal (Questionário)
Nomura; Gohchi	2012	Discriminação em relação ao gênero(Mulheres médicas no Japão)	Investigar se as experiências e as percepções dos obstáculos da carreira baseado no gênero entre mulheres médicas no Japão	1684 médicas ex-alunas de 13 faculdades de medicina privadas no Japão	Estudo transversal
Hoggard; Byrd; Sellers	2012	Discriminação em relação à raça/etnia(Estudantes universitários afro-americanos)	Examinar comportamentos de estudantes afro-americanos e comportamentos de enfrentamento em situações estressantes raciais e não raciais	35 estudantes universitários afro-americanos	Estudo qualitativo (Análise de escritas de um diário)
Woodford et al.	2012	Discriminação em relação à orientação sexual(Gays, lésbicas e bissexuais)	Examinar os correlatos de saúde e bem-estar ao ouvir a frase popular "isso é tão gay", entre gays, lésbicas e bissexuais (GLB)	114 auto identificados estudantes gays, lésbicas ou bissexuais de 18 a 25 anos	Estudo transversal (Questionário)

Adelman; Haldane; Wies	2012	Discriminação em relação ao gênero	Analisar como a cultura foi mobilizada estrategicamente como um recurso na luta contra a violência de gênero	--	Ensaio teórico
Spangenberg et al.	2012	Discriminação em relação à idade (Idosos com cuidado da família)	Avaliar desejos e expectativas em relação aos cuidados da família para com idosos	1445 pessoas acima de 45 anos	Estudo transversal (Questionário)
Bermejo et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Imigrantes usuários do sistema de saúde da Alemanha)	Análise de barreiras em relação ao atendimento no sistema de saúde considerando fatores culturais e relacionados com a migração	Imigrantes provenientes da Turquia (n = 77), Espanha (n = 67), Itália (n = 95) e reassentados alemães da antiga União Soviética (n = 196)	Estudo transversal (Questionário)
Dworzynski et al.	2012	Discriminação em relação ao gênero (Crianças autistas)	Compreender os fatores que podem impactar diferencialmente meninas de meninos em relação ao critério de diagnóstico para o autismo	Meninas e meninos (com idade entre 10-12 anos) que preenchem os critérios para transtorno autista	Dados secundários da pesquisa: “Dados de uma amostra de base populacional de crianças que preenchem os critérios para transtorno autista”
Gillum; DiFulvio	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Minorias sexuais: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais)	Explorar percepções de violência no namoro entre uma amostra de jovens de minorias sexuais	109 jovens de minorias sexuais (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais) entre as idades de 18 e 24 anos	Estudo qualitativo (Grupos focais)
Lee	2012	Discriminação em relação à idade	Uso de vídeos para desafiar e dismantelar estereótipos de preconceito contra idosos	15 estudantes de uma faculdade dos EUA	Estudo qualitativo (Análise de textos reflexivos dos alunos)
Stepanikova	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (População em geral)	Analisar dois tipos de potenciais fontes de disparidades étnico-raciais nos cuidados médicos: preconceitos implícitos e pressão do tempo	81 médicos de família e residentes	Estudo qualitativo (Análise das respostas de um relato de caso)
Claesen; Pryce	2012	Discriminação em relação a uma necessidade	Compreender sobre as necessidades psico-sociais de pessoas que procuram ajuda com perda	6 pessoas com perda auditiva	Estudo qualitativo (Entrevistas semiestruturadas)

		especial(Perda auditiva)	auditiva		
Wei et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia	Propor a noção de estresse gerado com base na raça e argumentar que as experiências de discriminação racial podem ser vistas como um tipo de trauma	383 estudantes chineses de duas universidades públicas	Estudo transversal (Aplicação das escalas: Perceived Stress Scale-4-item; Perceived Discrimination subscale; The Social Connectedness in the Ethnic Community Scale; Social Connectedness in Mainstream Society Scale; The Posttraumatic Stress Disorder Checklist)
Eack et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Afro-americanos)	Examinar o impacto das diferenças raciais nas características sociodemográficas, apresentação clínica, e honestidade percebida em disparidades no diagnóstico de esquizofrênicos entre afro-americanos	215 afro americanos e 537 brancos recebendo cuidados hospitalares por uma grave doença mental	Dados secundários de pesquisa: “1995 MacArthur Violence Risk Assessment Study”
Bustillos; Fernández-Ballesteros; Huici	2012	Discriminação em relação à idade(Idosos)	A presente pesquisa centra-se no estudo dos efeitos comportamentais entre jovens e idosos	62 jovens e 40 idosos	Estudo transversal
Johannesse; Hagen	2012	Discriminação em relação ao gênero(Mulheres médicas na Noruega)	Analisar as diferenças de oferta de trabalho para médicos de hospital do sexo feminino e masculino na Noruega, onde as abrangentes reformas sociais com o objetivo de reduzir as desigualdades de gênero foram implementadas	Médicos que trabalham em hospitais na Noruega	Estudo longitudinal retrospectivo (Informações sobre a quantidade de horas de trabalho semanais de todos os médicos que trabalham em hospitais na Noruega durante o período de 2001-2007 relacionado com variáveis demográficas, de cargos de gestão, de especialidade médica e de tempo de trabalho)
Daumerie et al.	2012	Discriminação em relação a uma deficiência mental(Esquizofrênicos)	Avaliar o impacto do diagnóstico de transtornos esquizofrênicos na privacidade, na vida social e profissional, em termos de discriminação	25 pessoas com o diagnóstico de esquizofrenia	Estudo qualitativo (Entrevistas semiestruturadas)
Shaw;	2012	Discriminação em relação	Construir um modelo simples da carreira	--	Ensaio teórico

Stanton		ao gênero(Mulheres na carreira academia)	acadêmica que pode ser usado para identificar tendências gerais e separar os efeitos demográficos de diferenças de gênero		
Wang; Huguley	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Adolescentes Afro-americanas)	Investigar se as práticas de socialização raciais pelos pais moderam a relação entre a discriminação racial na escola e os resultados educacionais das adolescentes	Amostra economicamente diversificada de 630 adolescentes afro-americanas	Estudo longitudinal retrospectivo
Póinhos	2011	Discriminação em relação ao gênero	Revisão da literatura sobre o preconceito de gênero na medicina, especialmente em termos de prática de pesquisa e clínica	--	Revisão de literatura
Fuller-Rowell; Evans; Ong	2012	Discriminação em relação à condição social	Testar a extensão em que a discriminação percebida explica gradientes socioeconômicos na saúde física	252 adolescentes	Estudo longitudinal
Durey; Thompson	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Australianos nativos)	Explorar os efeitos do homem 'Branco' na prestação de serviços de saúde aos australianos nativos. Utilizaram a raça como um princípio organizador, sustentado por relações de poder	3 médicos não-nativos com experiência em saúde indígena	Estudo qualitativo (Entrevistas)
Goodman et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia	Examinar a associação entre a composição racial de cinco ambientes físicos e a educação em saúde em uma população diversificada de pacientes do centro de saúde da comunidade	836 pacientes do centro comunitário de saúde de Suffolk County	Estudo transversal (Questionário, contendo informações sócio demográficas, além do 'Newest Vital Sign')
Milkman; Akinola; Chugh	2012	Discriminação em relação à raça e gênero	Testar o efeito da discriminação para com determinado grupos	6548 professores da academia	Estudo Transversal
Mazerolle et al	2012	Discriminação em relação à idade(Idosos)	Verificar se a discriminação pela idade explicam diferenças no desempenho de tarefas de memorização	110 jovens e 110 idosos.	Estudo transversal
Otowski;	2012	Discriminação em relação	Apresentar uma visão geral da discriminação por	--	Ensaio teórico

Taylor; Bombard		à aparência física(Characterísticas genéticas)	características genética no contexto internacional contemporâneo		
Lin; Israel	2012	Discriminação em relação à orientação sexual(Homens bissexuais)	Desenvolver e testar uma intervenção on-line para reduzir o heterossexismo internalizado entre gays, bissexuais	367 auto-identificados homens adultos com atração pelo mesmo sexo	Estudo transversal (Questionários: Background questionnaire e Internalized Homonegativity Inventory - Revised; e da escala: Outness Inventory; Rosenberg Self-Esteem Scale)
North; Fiske	2012	Discriminação em relação à idade(Idosos)	Destacar a pesquisa existente sobre a discriminação contra idosos e suas consequências e perspectivas teóricas sobre as suas causas	--	Revisão de literatura
Bhui et al.	2012	Discriminação em relação à raça/etnia	Testar se medidas de integração cultural por amizades transculturais explicam uma vantagem na saúde mental para os adolescentes	6643 adolescentes de 51 escolas secundárias em 10 distritos de Londres	Estudo transversal (Questionário contendo informações sócio demográficas e o questionário - Strengths and Difficulties Questionnaire)
Hoyt; Rubin	2012	Discriminação em relação ao gênero	Analisar a representação de gênero em estudos de tratamento biomédicos e estudos psicossociais publicados em um único ano	--	Revisão de literatura
Cambroner ; Ruiz; Papí	2012	Discriminação em relação ao gênero	Revisão científica sobre publicidade farmacêutica dirigida a profissionais de saúde, a fim de determinar se o preconceito de gênero diminuiu ao longo do tempo	--	Revisão de literatura
Jong; Van Nes; Lindeboom	2012	Discriminação em relação ao gênero	Examinar a reprodutibilidade da versão institucional da Dutch Activity Card Sort (ACS-NL) e a presença do preconceito de gênero.	Pacientes idosos hospitalizados para reabilitação médica (N = 52)	Estudo transversal
Stevens et al.	2012	Discriminação em relação à idade	Argumentar que o NICE (National Institute for Health and Clinical Excellence) estabeleceu sistemas rigorosos para se proteger contra decisões preconceituosas contra idosos.	--	Ensaio teórico
Schröter;	2012	Discriminação em relação	Apresentar introspecções e trechos de estudos	--	Ensaio teórico

Riha; Steinberg		ao gênero	escritos por cientistas de renome.		
Smit et al.	2012	Discriminação em relação à orientação sexual (Homens homossexuais)	Relatar uma crescente divisão entre homens gays HIV positivos e HIV negativos, e uma fragmentação de comunidades gays	--	Revisão de literatura
Nyarko; Wehby	2012	Discriminação em relação à raça/etnia (Afro-americanos)	Avaliar os efeitos da segregação residencial com relação ao baixo peso ao nascer e taxas de parto prematuro em bebês afro-americanos	50 afro-americanos nascidos vivos em 2000	Estudo transversal (Dados de segregação residencial, de baixo peso ao nascer e prevalência de partos prematuros)
Evans- Lacko et al.	2012	Discriminação em relação a uma deficiência mental	Explorar o impacto de fatores relacionados ao conhecimento específico, atitudes e comportamentos e a relação desses fatores com os relatórios individuais de auto-estigma, discriminação percebida e capacitação entre indivíduos com uma doença mental.	Pessoas com doença mental (n=1835)	Dados secundários das pesquisas: “Eurobarometer; European Commission, 2006, 2010) e (Global Alliance of Mental Illness Advocacy Networks (GAMIAN-Europe) survey)” e coleta de dados de relatórios individuais de estigma e discriminação
Torres- Harding; Siers; Olson	2010	Discriminação em relação à condição social	O estudo descreve o desenvolvimento da Escala de Justiça Social (SJS)	--	Estudo transversal (Aplicação da escala- Social Justice Scale)
Akinsulore; Adewuya	2010	Discriminação em relação a uma necessidade especial (Pessoas com epilepsia na Nigéria)	Fornecer informações / dados sobre a prevalência, tipos de convulsões, questões relacionadas ao tratamento e o impacto psicossocial da epilepsia na Nigéria	--	Revisão de literatura
Koo et al.	2012	Discriminação em relação ao gênero	Investigar diferenças étnicas em atitudes de estupro suportado por crenças misóginas e de aculturação. Misoginia é o ódio ou desprezo ao sexo feminino	Estudantes brancos (n=222) e americanos asiáticos (n=155) de três universidades públicas	Estudo Transversal (Aplicação das escalas: The Adversarial Heterosexual Beliefs scale, Revised Hostility Towards Women scale e Rape Myths Acceptance Scale)
Onifade et al.	2010	Discriminação em relação ao gênero	Caracterizar barreiras relatadas ao gênero feminino para o controle da tuberculose em	26 pacientes com tuberculose e 17	Pesquisa qualitativa (Entrevistas semiestruturadas e grupos focais)

			favelas peruanas	trabalhadores de saúde	
Padela et al.	2010	Discriminação em relação ao gênero, raça ou crença religiosa	Examinar atitudes de trabalhadores de emergência médica, bem como de pacientes com características diferentes de sexo, raça ou crença religiosa	176 participantes do: American College of Emergency Physicians Scientific Assembly	Estudo transversal (Questionário)

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
PARA ENTREVISTAS**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com a responsável pela pesquisa. Obrigado(a) pela atenção, compreensão e apoio!

Eu, _____, residente e domiciliado
_____, nascido(a) em
____/____/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar da pesquisa
‘Experiências de discriminação em estudantes e servidores da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul’.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1º - Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

O presente estudo tem o propósito de analisar os sentidos atribuídos às experiências de discriminação por estudantes e servidores técnico-administrativos, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e como reagem a tais experiências.

2º - Foram explicados os procedimentos que serão utilizados:

Entendi que se concordar em fazer parte deste estudo irei participar de uma entrevista individual a respeito do assunto ‘discriminação’. Nesta entrevista, poderei expressar minhas ideias, percepções e atitudes acerca da discriminação, as experiências pelas quais eventualmente passei e em que situações de vida isto ocorreu. Toda informação fornecida será estritamente confidencial e ninguém irá identificar quem participou deste estudo.

3º - Foram descritos os benefícios que poderão ser obtidos:

O benefício esperado com a pesquisa será conhecer os sentidos atribuídos às experiências de discriminação por estudantes e servidores técnico-administrativos, vinculados à UFRGS e como reagem a tais experiências.

4º - Estou ciente de que toda e qualquer participação em pesquisa acarreta risco ao participante, mesmo que desconhecidos.

As entrevistas produzirão depoimentos sobre tema sensível, delicado, que podem suscitar emoções, estados momentâneos de ansiedade e até tristeza. Caso os sujeitos de pesquisa sintam-se mobilizados emocionalmente pela participação na mesma, serão encaminhados pela coordenadora da pesquisa para atendimento na Clínica de Atendimento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5º - Foi dada garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.

Caso você tenha novas perguntas sobre este estudo, ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar com professora Ramona Fernanda Ceriotti Toassi (pesquisadora responsável) ou no telefone 0XX5181785269 a qualquer hora ou com o Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS, no telefone 0XX (51)3308-3738.

Desse modo, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito do que li ou do que leram para mim, descrevendo o estudo.

Eu discuti com a professora Ramona Fernanda Ceriotti Toassi sobre a minha decisão de participar do estudo. Ficaram claros para mim quais os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. A minha assinatura neste Consentimento Livre e Esclarecido dará autorização à pesquisadora responsável pelo estudo de utilizar os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, sempre preservando minha privacidade.

Porto Alegre, _____, _____ de 20__ __ (dia, mês).

Assinatura do (a) sujeito de pesquisa voluntário: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Antes do início da entrevista

- Possibilitar interação com o entrevistado (entrosamento para iniciar a conversa).

Introdução

- Esclarecer que a entrevista se insere numa pesquisa cujo tema de interesse é estudar as experiências/relatos de discriminação auto relatadas.

Esclarecer o objetivo da pesquisa

- Conhecer as experiências de discriminação pelas quais as pessoas eventualmente passam.
 - Quais são as discriminações às quais as pessoas estão expostas e em que situações de vida elas se manifestam.
 - Saber como as pessoas reagem a estas experiências.

Tópico 1 – Situações e experiências de discriminação

É muito comum ouvirmos falar sobre ‘discriminação e preconceito’.

1 O que você entende por discriminação e por preconceito?

2 Quais as situações de sua vida aconteceu essa discriminação? (Mercado de trabalho? Escola? Universidade? Contatos com a polícia? Restaurantes, lojas, transporte público, bancos, repartições públicas? Serviços de saúde? Relacionamentos afetivos? Alguma outra situação?)

3 Você já foi, presenciou ou sabe de alguém que foi tratado de maneira diferente? (aqui pode aparecer o relato sobre as situações de vida – local)

4 Por que motivo você acha que isso aconteceu?

5 Nessas situações, você considera que houve ‘discriminação’? Toda vez que é tratado de maneira diferente é discriminação?

6 Como você percebe ou percebeu esse tratamento desigual? É aceitável, justo?

7 De que modo essa injustiça é percebida por você? Com podemos perceber essa injustiça?

8 Nessa (s) experiência (s) que você relatou, quais as situações que você considera mais graves e quais são menos? Você pode falar sobre isso.

Tópico 2 – Reações à discriminação

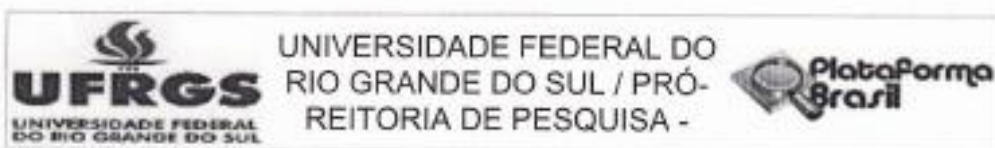
9 Quando você ou alguém que você conhece é discriminado, aparecem algum sentimento que normalmente aparecem?

10 No seu entendimento, o que a discriminação provoca (tanto em termos emocionais: tristeza, raiva, ansiedade, nervosismo); quanto físicos (provocar): aceleração dos batimentos cardíacos, dor em alguma parte do corpo, fraqueza)?

11 Fique à vontade para acrescentar o que julgar necessário.

Informações sobre o entrevistado (a): curso – semestre – sexo – idade

ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO EM ESTUDANTES E SERVIDORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Pesquisador: Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 15322813.6.0000.5347

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/COMITÊ DE ÉTICA EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 303.041

Data da Relatoria: 13/06/2013

Apresentação do Projeto:

De acordo com o parecer anterior.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Acréscitou esclarecimento sobre atendimento a ser disponibilizado aos sujeitos, se abalados pelos procedimentos da pesquisa: serão encaminhados ao Serviço de Psicologia, do Curso de Psicologia da UFRGS

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A nova apresentação da pesquisa especifica que a forma de participação dos pesquisadores da UFRGS, do pesquisador da UFSC e do aluno de graduação da UFRGS é semelhante. Foram incluídos nos anexos o parecer completo da COMPEEQ e nova via do projeto, com digitação corrigida. Houve a retirada da informação incorreta sobre critérios de exclusão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A apresentação dos Termos de apresentação obrigatória foi alterada, conforme a recomendação feita em parecer anterior, houve a exclusão da solicitação do número do RG dos participantes.

Foram anexadas autorizações das diferentes COMGRADS dos cursos onde será realizada a

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Fancupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: eica@propeq.ufrgs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -



Continuação do Parecer: 303.061

pesquisa: Licenciatura em Artes, Licenciatura em Matemática, Bacharelado em Matemática, Licenciatura em Física (diurna e noturna); Odontologia, Arquitetura e Urbanismo e Medicina. Estas autorizações foram solicitadas e respondidas por via digital.

Recomendações:

Nada a acrescentar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram atendidas as recomendações feitas sobre pendências, no parecer anterior. Recomenda-se aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Encaminhe-se.

PORTO ALEGRE, 13 de Junho de 2013

José Artur Bogo Chies
Assinador por:
José Artur Bogo Chies
(Coordenador)

CAAE: 15322813.6.0000.5347

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farsópolis CEP: 91.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br